

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e  
Sociedade (CPDA)



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a  
agricultura**

**Área Temática: Agro-Bioenergia  
Período de Análise: abril de 2010.**

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico  
Jornal Folha de São Paulo  
Jornal O Globo  
Jornal Estado de São Paulo  
Sítio eletrônico do MDS  
Sítio eletrônico do MDA  
Sítio Eletrônico do MMA  
Sítio eletrônico do INCRA  
Sítio eletrônico da CONAB  
Sítio eletrônico do MAPA  
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior  
Sítio Eletrônico da Fetraf  
Sítio Eletrônico da MST  
Sítio Eletrônico da Contag  
Sítio Eletrônico da Abag  
Sítio Eletrônico da CNA  
Sítio Eletrônico da CPT  
Revista Isto é Dinheiro Rural  
Revista Globo Rural

## Índice

|  |           |
|--|-----------|
| <b>AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL.....</b>   | <b>5</b>  |
| <b>Etanol.....</b>   | <b>5</b>  |
| <b>Petrobras amplia participação no etanol – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/05/2010.....</b>                                   | <b>5</b>  |
| <b>Guarani é a 4ª em moagem de cana no país – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/05/2010 .....</b>   | <b>6</b>  |
| <b>Cosan desenvolve o etanol aditivado – Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Negócios – 09/04/2010 .....</b>                                   | <b>7</b>  |
| <b>Preço do álcool cai 16%em30 dias – Flavio Leonel e Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia – 10/04/2010.....</b>                       | <b>8</b>  |
| <b>Venda de etanol volta ao normal só em 8 dias – Brás Henrique e Naiana Oscar – Estado de São Paulo – Economia – 10/04/2010.....</b>              | <b>8</b>  |
| <b>Etanol isento de tarifas depende de concessões – Gustavo Porto – Estado de São Paulo – Economia – 19/04/2010 .....</b>                          | <b>9</b>  |
| <b>UE descumpriu decisão da OMC, critica Jank – Estado de São Paulo – Economia – 19/04/2010 .....</b>  | <b>10</b> |
| <b>Safra de cana deverá vir com maior renda – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/04/2010 .....</b>                                 | <b>11</b> |
| <b>MST usa invasões para provocar Dilma – Eduardo Scolese – Folha de São Paulo – Brasil – 12/04/2010.....</b>                                      | <b>12</b> |
| <b>Nova gigante do álcool prevê preços estáveis – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2010.....</b>                              | <b>13</b> |
| <b>Novo acordo é especulação, diz Grubisich – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2010 .....</b>   | <b>14</b> |
| <b>Brasil pode desistir de pedir revisão de tarifas de etanol - Cristina Fiber – Folha de São Paulo – dinheiro – 14/04/2010 .....</b>              | <b>15</b> |
| <b>A 'volta' do carro flex – Emanuel Alencar e Henrique gomes Batista – O Globo – Economia – 06/04/2010 .....</b>                                  | <b>15</b> |
| <b>Unica prevê mercado equilibrado em 2010 – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 01/04/2010 .....</b>                               | <b>17</b> |
| <b>Mercado aguarda contrato do etanol hidratado na BM&amp;F – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 01/04/2010 .....</b>              | <b>18</b> |
| <b>Mercado aguarda contrato do etanol hidratado na BM&amp;F – Valor Econômico – Agronegócios – 01/04/2010.....</b>                                 | <b>18</b> |
| <b>Em PE, metade dos fornecedores é de assentados – Ana Paula Grabois – Valor Econômico – Agronegócios – 05/04/2010.....</b>                       | <b>19</b> |
| <b>Usineiros buscam candidato da continuidade – Ana Paula Grabois – Valor Econômico – Agronegócios - 05/04/2010 .....</b>                          | <b>20</b> |
| <b>Em PE, metade dos fornecedores é de assentados – Ana Paula Grabois – Valor Econômico – Agronegócios – 05/04/2010.....</b>                       | <b>22</b> |
| <b>"Nunca um governo fez tanto por nosso setor", diz fundador da UDR – Ana Paula Grabois – Valor Econômico – Agronegócios – 05/04/2010.....</b>    | <b>23</b> |
| <b>Tavares de Melo estuda construir eólicas no Nordeste - Murillo Camarotto – Valor Econômico – Empresas – 09/04/2010.....</b>                     | <b>26</b> |
| <b>Bunge eleva aporte na área de açúcar e álcool – Fernando Lopes – Valor econômico – Agronegócios – 09/04/2010 .....</b>                          | <b>27</b> |
| <b>Cosan expande atuação no comércio açucareiro – Valor Econômico – Agronegócios – 09/04/2010.....</b>   | <b>29</b> |
| <b>Com poucos novos projetos, Paraná perde participação na safra de cana – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 12/04/2010 .....</b> | <b>30</b> |

|  |           |
|--|-----------|
| <b>Dez usinas deverão iniciar a moagem na região Centro-Sul do país este ano – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 12/04/2010 .....</b> | <b>32</b> |
| <b>Álcool recua nos postos e começa a subir na usina – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 13/04/2010.....</b>                          | <b>33</b> |
| <b>Colheita de cana avança, mas teor de açúcares tem redução – Valor Econômico – Agronegócios – 28/04/2010 .....</b>                                   | <b>34</b> |
| <b>Safra recorde e mais etanol na gasolina impulsionam o setor – Valor econômico – Agronegócios – 30/04/2010.....</b>                                  | <b>34</b> |
| <b>Biodiesel .....</b>   | <b>35</b> |
| <b>Petrobras vai puxar projeto 'palma verde' – Valor Econômico – Agronegócio – 06/05/2010 .....</b>  | <b>35</b> |
| <b>POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS.....</b>   | <b>36</b> |
| <b>Etanol.....</b>   | <b>36</b> |
| <b>Na Busca por mais Etanol, Ciência tenta Reinventar a Cana – Estado de São Paulo – Vida – reportagem Especial – 17/04/2010 .....</b>                 | <b>36</b> |
| <b>Pesquisas Desafiam a Evolução – Estado de São Paulo – Vida – Reportagem Especial – 18/04/2010.....</b>  | <b>37</b> |
| <b>O etanol brasileiro e as petroleiras – Mauro Biagi Filho – Estado de São Paulo – Economia – 21/04/2010 .....</b>                                    | <b>40</b> |
| <b>Entidade do setor de cana diz que não recebeu denúncias – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2010 .....</b>                                      | <b>41</b> |
| <b>Usineiros esperam crédito para formação de estoque de álcool – Janaina Lage – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2010.....</b>                   | <b>43</b> |
| <b>Crise "limpa" energia em 2009, diz governo – Folha de São Paulo – Ciência – 29/04/2010 .....</b>  | <b>43</b> |
| <b>ANP aponta que vantagem do álcool já é generalizada no Estado do Rio – Henrique Gomes Batista – O Globo – Economia – 13/04/2010 .....</b>           | <b>43</b> |
| <b>Telhados solares e a indústria fotovoltaica - Roberto Zilles e Ricardo Rüther – Valor Econômico – Opinião – 01/04/2010 .....</b>                    | <b>44</b> |
| <b>Fontes renováveis já são 47,3% da matriz energética brasileira – Rafael Rosas – Valor Econômico – Brasil – 29/04/2010.....</b>                      | <b>46</b> |
| <b>Shell coloca 'etanol turbinado' no mercado – Mônica Scaramuzzo – Valor Econômico – Empresas – 29/04/2010 .....</b>                                  | <b>48</b> |
| <b>Gasolina voltará a ter 25% de etanol no domingo – Valor Econômico – Brasil – 30/04/2010 .....</b>   | <b>49</b> |
| <b>RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....</b>  | <b>50</b> |
| <b>Etanol.....</b>   | <b>50</b> |
| <b>Exportação brasileira de etanol cai 35% - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia – 02/04/2010 .....</b>                                   | <b>50</b> |
| <b>EUA voltam a atacar etanol brasileiro – Gustavo Chacra – Estado de São Paulo – Economia – 03/04/2010 .....</b>                                      | <b>50</b> |
| <b>'Washington Times' ataca custo do etanol – Estado de São Paulo – Economia – 09/04/2010 .....</b>  | <b>51</b> |
| <b>Relatório inocenta cientista de fraudar dados sobre clima – Folha de São Paulo – Ciência – 15/04/2010 .....</b>                                     | <b>52</b> |
| <b>Obama destaca incentivo a energias limpas – Estado de São Paulo – Vida – 23/04/2010 .....</b>   | <b>53</b> |
| <b>Obama quer prorrogação de tarifa sobre álcool do Brasil – Andrea Murta – Estado de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2010.....</b>                       | <b>54</b> |
| <b>País pode estender taxa sobre álcool – Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/04/2010 .....</b>   | <b>56</b> |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Fundo verde pode bancar energia suja</b> – Folha de São Paulo – Ciência –<br>27/04/2010 .....                                  | 56        |
| <b>Usineiro se queixa de tarifas de etanol à OMC</b> – Tatiana Farah e Patrícia Duarte<br>– O Globo – Economia – 19/04/2010 ..... | 56        |
| <b>Biodiesel</b> .....  | <b>57</b> |
| <b>UE apreende 10mil toneladas de biocombustível</b> – Jamil Chade - Estado de São<br>Paulo – Economia – 02/04/2010 .....         | 57        |

## AMBIENTE ESTRATÉGICO E EMPRESARIAL

### **Etanol**

#### **Petrobras amplia participação no etanol – Aginaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/05/2010**

Estatual investe R\$ 1,6 bilhão para obter o controle de 45,7% no capital da Açúcar Guarani, 4ª processadora de cana no país

Com o negócio, a estatal deterá participação em seis usinas no Brasil e uma na África; ações da Guarani tiveram alta inusual

A Petrobras anunciou ontem, após o fechamento do mercado, a maior ofensiva sobre o mercado de produção de etanol no Brasil. Depois de meses de negociações, a estatal -por intermédio da subsidiária integral Petrobras Biocombustível- fechou um acordo de investimento de R\$ 1,6 bilhão que dará à empresa o controle de 45,7% no capital da empresa Açúcar Guarani. O movimento da Petrobras reforça uma tendência que ganha corpo no Brasil: a participação de companhias de petróleo no mercado de produtores de etanol. Em fevereiro, a petroleira Shell associou-se à líder do setor no Brasil, a Cosan. O negócio Shell/Cosan, além de envolver a produção e o acesso facilitado ao etanol brasileiro no mercado internacional, incluiu acordo de distribuição de combustível no Brasil. A Cosan é dona da rede da Esso. Hoje, a Açúcar Guarani -quarta processadora de cana-de-açúcar no país, com volume anual de 17,4 milhões de toneladas nesta safra- é controlada pela francesa Tereos Internacional, empresa que está transferindo a administração do grupo para o Brasil e se preparando para ser a representante do grupo no mercado de capitais na BM&FBovespa.

O ingresso da estatal na gestão da Açúcar Guarani foi feito a partir de um excepcional prêmio pela participação. O aumento de capital em até R\$ 1,6 bilhão se deu a partir de uma avaliação de R\$ 5,83 por ação, valor 38% acima da cotação de um dia anterior ao fechamento do negócio.

Segundo o diretor de etanol da Petrobras Biocombustíveis, Ricardo Castelo Branco, o valor oferecido pelos papéis, apesar de mais elevado, ficou em linha com a avaliação que foi encomendada ao banco ING. Alexis Duval, diretor internacional da Tereos, disse que R\$ 5,83 foi o valor atribuído aos ativos da companhia que serão juntados na formação da empresa agora com sede no Brasil.

A Petrobras terá até cinco anos para completar o aporte de R\$ 1,6 bilhão, recurso que financiará a expansão da capacidade de processamento de cana-de-açúcar para a produção de etanol.

A Tereos Internacional também poderá contribuir com até R\$ 600 milhões para o aumento de capital da empresa na Guarani num prazo de 12 meses após a conclusão do ingresso da Petrobras. Com o negócio, a estatal deterá participação em seis usinas no Brasil e uma na África, em Moçambique. "Fechamos esse acordo por ter observado a qualidade da operação, da gestão e dos ativos. Além disso, temos o compromisso de que a empresa quer crescer no Brasil e no continente africano. Foi um movimento estratégico", afirmou Miguel Rossetto, presidente da Petrobras Biocombustível. A Petrobras vai indicar dois diretores na Guarani (operações e investimento). A presidência-executiva e a diretoria financeira serão ocupadas por indicados da Tereos.

#### Disparada

Apesar de o negócio ter sido anunciado após o fechamento do mercado, durante o dia os papéis da Guarani registraram forte valorização na Bolsa -alta de 12,29%, com fechamento em R\$ 4,75, com mais de 1.700 negócios realizados. No pregão da quinta-feira, o papel da empresa registrou 752 transações. O que mais chamou a atenção foi o fato de que essas ações têm pouca liquidez, segundo o próprio presidente da Guarani, Jacyr Costa Filho. Sobre um eventual vazamento de informações -possível explicação para a súbita alta do papel antes do anúncio do negócio-, Costa Filho disse que não faria comentários: "Não comento flutuações de mercado".

**Guarani é a 4ª em moagem de cana no país** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/05/2010

#### DA REDAÇÃO

A Açúcar Guarani é a quarta maior processadora de cana-de-açúcar do Brasil, com capacidade de moagem estimada em 17,4 milhões de toneladas na safra 2010/11. A empresa possui seis unidades de produção no Estado de São Paulo e uma em Moçambique. Está voltada para a produção de álcool, açúcar e cogeração de energia. Já a francesa Tereos é um grupo de cooperativas agro-industriais especializado no processamento primário de beterraba, cana-de-açúcar e cereais. Com 33 unidades de produção na Europa, na América do Sul e na África, a empresa informa que possui 13,5 mil funcionários permanentes. Em 28 de março último, foi anunciada a criação de Tereos Internacional, com sede em São Paulo, uma empresa voltada para a produção global de ingredientes alimentícios e de bioenergia. Combinação da Açúcar Guarani no Brasil, dos ativos do grupo Tereos na Europa e dos ativos no Oceano Índico para a produção cereais, açúcar, álcool e produtos à base de amido, a Tereos Internacional teria uma receita anual de US\$ 2,51 bilhões, na avaliação feita pela própria empresa.

**Cosan desenvolve o etanol aditivado** – Nicola Pamplona – Estado de São Paulo – Negócios – 09/04/2010

A Cosan e a empresa química Britanite estão prestes a iniciar testes para o desenvolvimento de um novo tipo de etanol combustível, batizado de etanol aditivado. O projeto, mantido em sigilo pelas duas companhias, foi autorizado pela diretoria da Agência Nacional do Petróleo (ANP) em reunião na semana passada e tem como objetivo encontrar uma fórmula que permita o uso do derivado de cana-de-açúcar em motores a diesel.

Segundo a resolução da ANP que autorizou os testes, o combustível será composto por uma mistura de 94,4% de etanol hidratado e 5,6% de um aditivo chamado de Britadit E, desenvolvido pela Britanite. Durante o período de testes, o produto vai abastecer quatro caminhões da frota cativa da Cosan. As duas empresas se mostraram contrariadas com a divulgação do projeto e não quiseram dar maiores detalhes sobre o assunto.

A Cosan limitou-se a confirmar os testes como etanol aditivado. “No entanto, como esses testes estão em fase experimental, não é possível detalhar as ações neste momento”, concluiu, em nota enviada ao Estado. Já a Britanite alegou, sem citar nomes, que qualquer divulgação deveria ser feita por “seu par ceiro” no projeto. A divulgação das atas de reuniões é praxe na ANP.

A própria Cosan desenvolve um outro teste para o uso de etanol em motores diesel, mas voltado para ônibus, em parceria com a Scania. Nesse caso, porém, as empresas usam um motor com algumas modificações e aditivo produzido na Suécia. A mistura usada tem 95% de etanol e 5% do aditivo, que atende normas de emissões da União Europeia. Já há dois ônibus circulando com a mistura em São Paulo.

Fontes do mercado, porém, dizem que, além da necessidade de adaptações no motor, o alto custo do aditivo importado dificulta a disseminação da tecnologia. O desenvolvimento de uma alternativa brasileira, portanto, poderia baratear o processo.

Atualmente, o etanol hidratado custa, em média, R\$ 1,695 por litro no Brasil, e o diesel, R\$ 1,987. Ou seja, há uma margem de cerca de R\$ 0,30 por litro para a mistura do aditivo.

Se confirmada, a substituição de diesel por etanol pode ser benéfica à balança comercial brasileira. O país importa uma média de 5 bilhões de litros de óleo diesel por ano – o valor caiu em 2009, diante da crise, mas deve voltar a crescer este ano, com a recuperação da economia.

Especialistas dizem também que, se confirmada, a nova tecnologia de etanol pode ganhar algum espaço no mercado europeu, altamente consumidor de diesel. A Cosan é parceira da anglo-holandesa Shell em uma nova empresa que terá entre suas missões difundir o etanol brasileiro no exterior.

**Preço do álcool cai 16% em 30 dias** – Flavio Leonel e Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia – 10/04/2010

O preço médio do álcool combustível continua em queda nos postos da capital paulista, de acordo com levantamento realizado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), por meio do Índice de Preços ao Consumidor (IPC). Nos últimos 30 dias encerrados em 7 de abril, o valor médio álcool caiu 16,06%. Em março, a queda foi de 10,19%.

A queda do preço do combustível foi decisiva para ampliar a deflação do grupo Transportes, no índice de preços da Fipe, de 0,50% para 0,81%, entre o fim de março e o começo de abril. O preço da gasolina também recuou 1,84% em 30 dias até 7 de abril, segundo a Fipe.

Competitividade. Graças à redução do preço nas últimas semanas, desde o início da safra, os Estados de Mato Grosso do Sul e do Rio de Janeiro também passaram a contar com um preço de etanol mais vantajoso em relação à gasolina, de acordo com dados da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Ao todo, já são nove os Estados que estão como etanol competitivo para os proprietários de veículos flex. Junto com Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul, estão Pernambuco, Tocantins, Bahia, São Paulo, Paraná, Goiás e Mato Grosso.

Em 17 Estados no Distrito Federal, a gasolina segue competitiva no bolso no consumidor.

No Estado de São Paulo, que concentra mais de 50% do consumo de etanol do País, o combustível renovável aumentou sua competitividade, na média dos preços compilados pela ANP.

Considerando o preço médio da gasolina de R\$ 2,436 por litro no Estado de São Paulo, o etanol hidratado é vantajoso na região até R\$ 1,7052.

Na média, o preço em São Paulo ficou em R\$ 1,409 por litro, 17,40% abaixo do ponto de equilíbrio entre gasolina e etanol.

A vantagem do etanol é calculada considerando que o poder calorífico do motor a álcool é de 70% em relação aos motores a gasolina. No cálculo, são utilizados valores médios coletados em postos em todos os Estados e no Distrito Federal.

Segundo o levantamento da Fipe, em São Paulo o preço do etanol está em 57,84% do preço da gasolina. A gasolina ainda está mais vantajosa que o etanol principalmente nos Estados do Acre e Piauí.

**Venda de etanol volta ao normal só em 8 dias** – Brás Henrique e Naiana Oscar – Estado de São Paulo – Economia – 10/04/2010

O abastecimento de etanol (álcool hidratado) em postos de combustível do Estado de São Paulo só deve voltar ao normal num prazo de oito dias, segundo estimativas do setor.

No início da semana, alguns estabelecimentos chegaram a ficar sem uma gota do combustível e desde quarta-feira recebem das distribuidoras uma quantidade



bem inferior a que seria necessária. Nesse período, o preço do etanol subiu em média R\$ 0,30.

O proprietário de um posto de combustível no município de Santo André, Marcos Postigo, estima ter deixado de vender 20 mil litros de etanol entre segunda e terça-feira – com prejuízo de R\$ 4,5 mil. “Voltaram a entregar parcialmente. Tinha pedido 15 mil litros e recebido 5 mil.”

As entidades que representam os produtores de álcool e os distribuidores de combustíveis se defendem por meio de notas oficiais. A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) garante que não há falta de etanol no mercado e que o desabastecimento ocorreu por “questões logísticas, sob o controle das distribuidoras e não das usinas”. Segundo a Unica, as distribuidoras não têm tanques para estocagem,

Por sua vez, o Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom) destaca que os eventuais desabastecimentos “decorrem de uma retomada intensa de consumo, sem um correspondente aumento na produção de etanol”.

Nesse fogo cruzado, a maioria dos usineiros evita se manifestar. Bernardo Biagi, presidente das usinas Batatais e Lins, as duas primeiras que iniciaram a safra deste ano, disse que em suas empresas a produção de álcool está satisfatória, dentro do que foi planejado. A Lins já moeu 200 mil toneladas de cana desde 1.º de março, gerando 15 milhões de litros. A Batatais moeu 400 toneladas de cana, gerando outros 15 mil.

O presidente regional do sindicato dos postos de combustível do Estado de São Paulo, em Ribeirão Preto, Oswaldo Manaia Júnior, discorda da Unica. “Poucas usinas estão moendo e motoristas me informaram que até 200 caminhões faziam filas em usinas da região, levando até três dias para carregar.”

### **Etanol isento de tarifas depende de concessões** – Gustavo Porto – Estado de São Paulo – Economia – 19/04/2010

O secretário-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Pascal Lamy, deixou claro ontem que o Brasil seguirá com dificuldades para transformar o etanol em commodity e para comercializar o combustível com outros países livre de tarifas, barreiras e como um produto sustentável ambientalmente.

“Existem duas posições: a primeira, defendida pelo Brasil, é que o etanol é ambientalmente correto, o que permitiria uma redução das tarifas nas negociações dentro do OMC”, disse.

“Mas isso pode não ser necessariamente verdade para todo o etanol do mundo e a questão é saber como avaliar o combustível, com rastreamento de sustentabilidade”, disse Lamy após visitar a Usina São Martinho, em Pradópolis (SP), maior processadora de cana-de-açúcar do mundo.

Acompanhado do presidente da União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica), Marcos Jank, o secretário-geral da OMC, que salientou ser neutro em qualquer negociação, reafirmou que a posição do Brasil em relação ao etanol ser um bem ambiental, portanto passivo de redução de tarifas, “não é compartilhada por outros países”.

Lamy disse que a usina é mais econômica e menos ambiental. Disse que o País terá de ceder caso queira reduzir tarifas e barreiras comerciais sobre o etanol e o açúcar, principalmente em relação aos Estados Unidos e União Europeia (UE).

“Esses países não dizem não (em relação à redução tarifária e ao fim de barreiras), mas dizem que dependem do que o Brasil dará em troca nas negociações”, afirmou o secretário-geral da OMC. No entanto, Lamy admitiu que a produção de etanol e de açúcar, no caso específico da Usina São Martinho, “é um bom exemplo do que os países emergentes podem fazer para agregar valor a uma matéria-prima” como a cana-de-açúcar. “Isso me ajuda a entender porque a Unica quer reduzir as tarifas e os subsídios”, explicou o secretário-geral da OMC.

Dificuldades. Jank, da Unica, avaliou que a visita de Lamy foi positiva para informá-lo sobre a forma de produção sustentável de etanol e açúcar, mas admitiu as dificuldades nas negociações internacionais.

Sobre o etanol, o executivo da entidade criticou a posição dos Estados Unidos, que estudam manter a tarifa de US\$ 0,54 por galão sobre combustível brasileiro – prevista para acabar este ano –, enquanto as tarifas de importação do País, de 20%, foram zeradas recentemente. “Vamos esperar o que vai acontecer este ano, mas não descartamos um contencioso na OMC, que é um caminho longo e desgastante”, afirmou Jank.

#### **UE descumpriu decisão da OMC, critica Jank** – Estado de São Paulo – Economia – 19/04/2010

A União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), maior organização representativa do setor de açúcar e bioetanol do Brasil, criticou o fato de a União Europeia ter descumprido a decisão da Organização Mundial do Comércio (OMC) e ter exportado, em 2010, 500 mil toneladas acima do limite permitido de açúcar subsidiado, de 1,27 milhão de toneladas.

“Foi um rompimento unilateral e achamos que, ou a Europa volta atrás, ou o caminho seria um contencioso de implementação, o que duraria dois ou três anos”, afirmou Marcos Jank, presidente da Unica.

Pascal Lamy, secretário-geral da OMC, suavemente, pregou consenso entre Brasil e Europa nessa questão.

Durante visita pela região de Ribeirão Preto, a mais tradicional produtora de cana do País, o secretário-geral da OMC conheceu o que há de mais moderno no processo produtivo de açúcar e álcool. Foi poupado, portanto, de ver a colheita manual da cultura, duramente criticada pelos contrários à sustentabilidade do etanol, e conheceu apenas a colheita mecanizada.

Na visita, Lamy foi informado que não há desmatamento para o avanço da cana, cultura que ocupa a área de outras lavouras, segundo Jank, da Unica. Lamy ainda plantou, em uma área da São Martinho, um pé de pau-brasil e visitou a fazenda Santa Isabel, em Guariba (SP), de propriedade do ex-ministro da Agricultura Roberto Rodrigues.

Rodada Doha. No sábado, em Brasília, o secretário-geral da Organização Mundial do Comércio afirmou que, apesar do ambiente político desfavorável à retomada das negociações da rodada Doha, o cenário econômico mostra que os EUA, a União Europeia e o Japão saturaram as possibilidades de impulsionar seus mercados internos e irão precisar do comércio internacional para funcionar como motor do processo de recuperação econômica.

Diante dessa situação, Lamy considera possível que as negociações da rodada de liberação do comércio sejam reiniciadas ao final da cúpula do G-20 (grupo das 20 maiores economias do mundo), que se dará em novembro em Seul, na Coreia do Sul. /

GUSTAVO PORTO E  
DENISE CHRISPIM MARI

### **Safra de cana deverá vir com maior renda – Mauro Zafalon – Folha de São Paulo – Dinheiro – 01/04/2010**

Expectativa é das indústrias do setor, que preveem moagem recorde de 596 milhões de toneladas

A nova safra de cana-de-açúcar deverá gerar o recorde de 596 milhões de toneladas na região centro-sul. Se confirmado, esse volume supera em 10% o da colheita que se encerrou. Os dados são da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar), que prevê uma safra mais rentável para produtores e usinas neste ano. Na avaliação de Antonio de Padua Rodrigues, diretor técnico da entidade, a demanda por álcool deve continuar firme e os preços não recuam tanto como em 2009. O açúcar perdeu força e caiu no mercado internacional nas últimas semanas, mas na renovação de contratos deste ano as usinas conseguiram um patamar de preço bem melhor do que o de 2009, diz Padua. A safra de 2010/11 mostrará, mais uma vez, aumento na participação do açúcar na moagem da cana, mas com evolução menor do que em 2009/10. Do total de cana a ser moído, 57% vão para álcool e 43% para açúcar. Com isso, a produção de açúcar sobe 19%, para 34,1 milhões de toneladas, e a de álcool vai a 27,4 bilhões de litros -aumento de 16% em relação à anterior. A safra atípica de 2009 não deve se repetir neste ano, mas um dos problemas será o envelhecimento do canavial, o que torna a safra menos produtiva. Enquanto a cana de um ano e meio -que tem volume menor neste ano- rende 110 toneladas por hectare, a de quinto corte -que tem área maior- produz apenas 70 toneladas.

Mas o aumento da qualidade da cana e a entrada em operação de dez novas unidades industriais garantirão a elevação da produção, diz Rodrigues. A produção de açúcar aumenta 5,5 milhões de toneladas nesta safra, enquanto as exportações sobem 3,3 milhões. A produção de álcool cresce 3,7 bilhões de litros, com exportações de 1,8 bilhão de litros. O grande mercado do álcool é o interno, diz Padua. Em março de 2011, a frota de carros flex deve atingir quase a metade -49%- dos veículos em circulação no país. Com isso, as vendas médias mensais de álcool sobem para 2,1 bilhões de litros. A renda de 2009/10 não agradou aos produtores. O Consecana mostrou o valor médio de R\$ 46,40 por tonelada, ante custo de R\$ 52, incluída a depreciação, diz Ismael Perina Júnior, presidente da Orplana.

**MST usa invasões para provocar Dilma** – Eduardo Scolese – Folha de São Paulo –  
Brasil – 12/04/2010

Integrantes do movimento querem forçar nesta semana uma declaração da pré-candidata do PT sobre reforma agrária

Ex-ministra da Casa Civil gera desconfiança entre os sem-terra, que não apoiarão formalmente nenhum candidato no primeiro turno

A onda de invasões de terra que o MST promete desencadear nesta semana em todo o país tem um pano de fundo político: forçar uma declaração pública da presidenciável petista, Dilma Rousseff, sobre o tema da reforma agrária. A ex-ministra da Casa Civil é vista com dúvidas entre os sem-terra já que, enquanto ministra, pouco se aproximou dos movimentos sociais ou apresentou ideias para a questão fundiária. Dirigentes do movimento costumam se referir a ela como uma "desconhecida".

Agora, no calor do "abril vermelho", a expectativa do MST é que a petista seja provocada pela imprensa a se posicionar sobre a série de invasões: defenderá as ações ou se aliará a PSDB, DEM e bancada ruralista para condená-las? Apresentará alguma proposta sobre o tema, como metas de assentamentos, ou se manterá neutra? Em contato com a direção petista, o MST avisou que não apoiará formalmente nenhum candidato no primeiro turno das eleições a presidente, assim como já ocorrera em 2006.

Apesar disso, aguarda um posicionamento de Dilma sobre o tema para indicar os rumos de engajamento eleitoral de seus militantes, historicamente próximos a candidatos do PT.

A saia justa que se ensaia para Dilma lembra o caso vivido pelo presidente Lula, na época candidato, no início de 2002.

Em março daquele ano, um dia após o MST ter invadido a fazenda dos filhos do então presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), em Buritis (MG), Lula se apressou em condenar a ação, sob o temor que a vinculação de sua imagem ao movimento o prejudicasse naquela campanha.

A diferença é que Lula, na visão dos sem-terra, já tinha uma longa trajetória ligada à reforma agrária, tendo participado, por exemplo, do primeiro congresso nacional do movimento, em 1985. Enquanto Dilma, segundo palavras do principal porta-voz do movimento, João Pedro Stedile, é "ignorante" e "não entende nada" de projetos sobre a questão rural.

Stedile diz que o MST fará campanha "contra Serra", mas o movimento, embora tenha enviado representantes ao congresso do PT, que lançou Dilma como pré-candidata em 20 de fevereiro, não fará manifestação de apoio oficial a nenhum candidato no primeiro turno.

#### Pauta

A onda de invasões prometida pelos sem-terra para esta semana virá acompanhada de uma pauta de reivindicações que se repete há anos. Os principais pontos são promessas não cumpridas por Lula: atualização dos índices de produtividade usados pelo governo na avaliação de áreas passíveis de desapropriação, ampliação do orçamento para a reforma agrária e o assentamentos das famílias acampadas à beira de estradas no aguardo de um lote de terra.

Neste ano, para minimizar críticas, uma estratégia do movimento será evitar invasões de prédios públicos e fazendas produtivas.

**Nova gigante do álcool prevê preços estáveis** – Agnaldo Brito – Folha de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2010

ETH, do grupo Odebrecht, avalia que o valor cobrado pelo biocombustível na bomba oscilará entre 65% e 70% do preço da gasolina

Grupo, que elevará sua capacidade de moagem de cana para 40 milhões de toneladas, aposta que valor abaixo de R\$ 1 seja mais raro

Força emergente no mercado de álcool no Brasil, a ETH -controlada pelo Grupo Odebrecht- prevê o fim da fase de sobe e desce no preço do etanol nos postos de combustíveis. É mais do que uma crença. O modelo de negócio da ETH, que promete elevar de 13 milhões para 40 milhões de toneladas a capacidade de moagem de cana-de-açúcar até 2012 (isso a partir da associação com a Brenco), baseia-se em parte na estabilidade de preços do álcool combustível em patamares mais elevados como condição para expansão do setor. Na última semana, mesmo depois do início da safra, o preço voltou a subir. A razão está no excesso de chuvas. Segundo José Carlos Grubisich, ex-presidente da Braskem (o braço petroquímico do grupo Odebrecht) e atual comandante da ETH, avaliações de mercado feitas pela companhia indicam que o preço do álcool na bomba oscilará entre 65% e 70% do preço da gasolina.

Na prática, isso significa que a ETH prevê o fim do período em que o álcool é ofertado a menos de R\$ 1 o litro, como em alguns momentos durante o auge da safra do Centro-Sul.

"O que estamos observando em 2010 e 2011 são preços muito mais estáveis. A nossa previsão é que o preço médio desta safra seja muito mais alto que o preço médio da safra anterior. Achamos que o preço do álcool na bomba estará entre 65% e 70% do preço da gasolina", afirmou Grubisich. Essa condição é o limite sobre o qual o etanol ainda é mais competitivo em relação ao combustível concorrente.

Do ponto de vista estritamente econômico, os consumidores gastam mais quando abastecem seus veículos bicombustíveis com álcool quando o preço supera o patamar de 70% do valor da gasolina.

Segundo o presidente da ETH, patamares mais elevados de preço darão à companhia um nível de receita e de geração de caixa mais confortáveis para cumprir o plano de investimento orçado em R\$ 7,3 bilhões. É esse pacote de investimentos que dará à ETH peso mais relevante no mercado brasileiro de produtores de biocombustível e a condição de ser o maior produtor de etanol.

Isso porque os demais processadores de cana produzem também açúcar. Grubisich afirma que, do total de capital que a companhia pretende investir até 2012, 40% serão bancados pelos sócios e 60% obtidos com financiamentos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e em outras instituições

financeiras.

"Para esse volume de investimento que levará a companhia a nove usinas produtoras, a situação está completamente equalizada", diz. O passo seguinte é que ainda não foi dado.

O presidente da ETH afirma que elevar a capacidade para além dos 40 milhões de toneladas em moagem só será possível a partir da capitalização. A companhia avalia que, se cumprir a meta dos 40 milhões de toneladas, terá dado ao mercado provas de que tem condições de bancar e executar um plano de investimento. Assim, ele acredita que uma emissão primária de ações poderá obter preços maiores, algo que neste momento não ocorreria. Se obtiver sucesso nesse plano, a ideia será buscar recursos no mercado para dar um salto para 55 milhões a 60 milhões de toneladas de capacidade de processamento, o que tornará a ETH uma das gigantes do setor. Até lá, a companhia acredita que o mercado internacional poderá estar mais receptivo ao etanol de cana, com redução ou queda das barreiras tarifárias, sobretudo nos Estados Unidos, na União Europeia e no Japão. Por enquanto, além de cumprir o plano de investimento, o foco da companhia é explorar o mercado interno -que, com sorte, dará um volume de receita maior do que ofereceu ao setor nos últimos anos.

**Novo acordo é especulação, diz Grubisich** – Folha de São Paulo – Dinheiro –  
13/04/2010

#### DA REPORTAGEM LOCAL

Encarregado de cumprir um plano de investimento de R\$ 7,3 bilhões, José Carlos Grubisich, presidente da ETH, considerou apenas especulação qualquer novo acordo envolvendo a companhia. "Não existe absolutamente nada sendo discutido. A única coisa em curso é o fechamento do acordo feito com a Brenco, o que ocorre ainda neste mês." Negociações como a que envolveu a criação de uma joint venture entre a Cosan e a Shell não existem, disse. No caso da EHT, nem sequer faz sentido neste momento, avaliou.

"No caso Cosan/Shell, houve uma motivação. Unir a rede de distribuição da própria Shell com a rede de distribuição da Esso, controlada pela Cosan. A Shell tentou comprar a rede da Esso no passado, não conseguiu e viu, agora, a oportunidade de sinergia na transação com a Cosan", afirmou. De acordo com Grubisich, a ETH não é candidata a fazer qualquer acordo com qualquer petroleira. Primeiro pela ausência de uma combinação estratégica como a que foi possível na Cosan. A segunda razão está no fato de que o mercado externo, há pouco uma grande aposta no Brasil, de fato ainda é apenas uma promessa diante de imensas barreiras comerciais. **(AB)**

**Brasil pode desistir de pedir revisão de tarifas de etanol** - Cristina Fiber – Folha de São Paulo – dinheiro – 14/04/2010

O Brasil pode desistir de pedir aos Estados Unidos a revisão de tarifas para o etanol brasileiro caso os impasses com relação aos subsídios de Washington ao setor algodoeiro sejam resolvidos de maneira "satisfatória". São duas disputas que já duram anos: o Brasil procura facilitar a entrada do álcool nacional, de cana-de-açúcar, nos EUA, mas a pressão de produtores americanos de milho (base do álcool americano) impede uma decisão favorável daquele governo. No caso do algodão, por causa dos subsídios dados pelos EUA à produção local, o Brasil conquistou o direito de retaliar o país até US\$ 830 milhões (no cálculo para 2010), em disputa decidida pela OMC (Organização Mundial do Comércio). No início deste mês, os EUA apresentaram ao Brasil as primeiras propostas de compensação para tentar impedir a retaliação, e o Brasil decidiu adiar a sobretaxação de importados americanos -em um primeiro momento, até o próximo dia 22. Segundo a **Folha** apurou, as taxas americanas de importação de álcool brasileiro podem ser usadas como elemento nessa negociação. Dias depois do anúncio brasileiro de adiamento da retaliação, o presidente Barack Obama divulgou o Orçamento para 2011, que inclui a renovação por um ano das tarifas à importação de álcool e dos programas de subsídio aos americanos.

**A 'volta' do carro flex** – Emanuel Alencar e Henrique gomes Batista – O Globo – Economia – 06/04/2010

Fim da entressafra da cana barateia o álcool, agora mais vantajoso que a gasolina

Abastecer o carro a álcool já voltou a ser mais vantajoso em diversos postos do Rio.

Em muitos locais, o combustível já é comercializado por um valor equivalente a 70% do preço da gasolina — percentual máximo para que compense, já que o etanol tem rendimento menor que a gasolina.

Na média, de acordo com pesquisa realizada pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) em mais de 700 postos do estado, esse percentual está caindo a cada semana e já está no patamar de 72%. O fim da entressafra da cana-de-açúcar é o maior responsável pela queda do preço do álcool nas bombas dos postos, invertendo a alta que começou no fim de 2009 e se estendeu por todo o verão. Nas últimas quatro semanas, a variação do preço médio do litro do etanol no Rio caiu 8%, informou ontem a ANP. E a tendência é que os preços continuem baixos, pelo menos, até outubro.

Donos de postos já esperam um aumento de até 15% no consumo de álcool a partir da semana que vem.

O litro do combustível estava sendo vendido, em média, a R\$ 1,930, contra R\$ 2,699 do litro da gasolina. Há um mês, o litro do etanol estava, em média, a R\$ R\$ 2,097. Repórteres do GLOBO percorreram ontem cinco postos — de quatro bandeiras diferentes —, na Zona Sul e na Zona Norte do Rio, e constataram que em quatro deles já vale a pena abastecer com etanol.

Para o presidente da Federação Nacional do Comércio de Combustíveis e Lubrificantes (Fecombustíveis), Paulo Miranda Soares, ainda este mês os preços do álcool combustível já estarão competitivos em todo o território nacional. Em sete estados de todas as regiões do país, o preço do álcool já compensa.

— O preço nas usinas está em queda, e, em maio, certamente já estaremos com os preços médios cobrados no ano passado. A redução de preço (do etanol) não é muito simples de ser feita. Uma Shell, por exemplo, comprou em março grande quantidade de álcool com preço superior ao que comprou em abril. E tem que vender todo o estoque sobre o qual pagou mais para, então, passar o desconto ao consumidor na bomba.

Costumo dizer que os preços sobem em velocidade de foguete e descem de paraquedas. O processo de descida é inexorável, mas lento — afirmou Soares.

Ele diz que o aumento do preço no início do ano pode ser atribuído a uma entressafra anormal.

— Por causa das fortes chuvas, São Paulo, que responde por 70% da produção alcooleira nacional, perdeu 50 milhões de toneladas de cana de novembro a janeiro. Houve ainda um agravante: a seca na Índia fez com que as usinas apostassem no açúcar para exportação, reduzindo o percentual de cana que era destinado à fabricação de álcool para o mercado nacional

#### **Em maio, gasolina começa a cair**

O diretor técnico da União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Única), Antonio de Padua Rodrigues, lembra que esse efeito na redução dos preços deve chegar, em maio, à gasolina. Isso porque a partir do dia primeiro deste mês o percentual de álcool na gasolina voltará aos 25%.

Por causa da crise no início do ano, o governo decidiu reduzir esse percentual para 20%.

— Mas temos que ficar acompanhando o mercado, o setor de combustíveis é muito dinâmico e os

preços mudam diariamente — disse Rodrigues.

O especialista em energia Adriano Pires, do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), lembra que a queda no preço do álcool deve continuar até outubro. Entretanto, ele afirma que é difícil prever um percentual dessa redução: — A venda de carros flex (bicompostíveis) continua acelerada, o que

aumenta a demanda por álcool.

Além disso, ainda não estamos livres de mudanças climáticas que podem alterar a colheita da cana.

O administrador Carlos Zaranza, mesmo ainda abastecendo seu Fiesta Flex com gasolina, já recomeçou a fazer as contas todas as vezes em que vai ao posto: — Há três meses passei a adotar a gasolina por causa do preço, o carro rende mais, mas daqui a pouco volto para o álcool, é só baixar mais alguns centavos.

A enfermeira Eliane Lourenço, dona de um Gol Flex, voltou a ser fiel ao álcool.

— Muitos dizem que o álcool corrói mais o motor, mas quando fazemos as contas percebemos que compensa.

O gerente do posto Ponei, da bandeira Ipiranga na Lagoa, Alberto Martins, já sente o aumento da procura pelo álcool. Segundo ele, isso tende a ser intensificado, já que o preço do combustível deve cair ainda mais nas próximas semanas.

— De sexta-feira até ontem (segunda), o preço do álcool caiu de R\$ 2,299 para R\$ 1,999 —exemplifica



**Unica prevê mercado equilibrado em 2010** – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 01/04/2010

Apesar de 20 usinas já terem iniciado a moagem da safra 2010/11 e outras 35 sequer terem parado de moer desde o ano passado, oficialmente a nova safra no Centro-Sul começa nesta quinta-feira, dia 1º de abril. Espera-se chuva um pouco acima da média entre abril e maio. Em contrapartida, tempo seco entre junho e setembro, quando normalmente mais de 40% da cana é processada.

Nesse cenário, a União da Indústria de Cana-de-açúcar (Unica) espera que a cana adicional para moagem neste ciclo venha do que sobrou em pé no ciclo passado. A expectativa é de que as usinas do Centro-Sul processem 595,891 milhões de toneladas (+10%) e produzam um mix muito parecido com o da safra passada (43,29% de açúcar e 56,71% de álcool).

Dessa forma, a Unica prevê produção de 34 milhões de toneladas de açúcar (+19%) e de 27,39 bilhões de litros de etanol (entre anidro e hidratado), alta de 15,6%.

A demanda crescente pelos dois produtos deve trazer equilíbrio ao mercado, diz Antônio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da entidade. Do lado do açúcar, persistem previsões de déficits mundiais - que variam de 4,7 milhões de toneladas a 14,8 milhões de toneladas. Da produção adicional esperada de 5,46 milhões de toneladas, em torno de 3,3 milhões serão absorvidos pelas exportações, sendo que 2 milhões de toneladas se referem a negócios de exportação feitos na safra passada, mas que foram renegociados para entrega em 2010.

Além disso, segundo Pádua, o mercado brasileiro de açúcar está em expansão. "O consumo do setor industrial (60% da demanda brasileira) cresceu 10% em 2009, por causa da elevação da renda no país. Em 2010, esse crescimento deve persistir", afirma Pádua.

Para o álcool, a previsão é de exportações menores, nos níveis da safra 2003/04. O câmbio não oferece remuneração para exportação aos EUA e a produção maior de cana da Índia deve elevar a oferta interna e inibir importações em 2010.

Assim, é do mercado interno que virá o equilíbrio. A Unica prevê que em março de 2011 a frota de veículos flex representará 50% da frota nacional (hoje é de 41%) e que o consumo médio de etanol será 16% maior.

**Mercado aguarda contrato do etanol hidratado na BM&F** – Fabiana Batista –  
Valor Econômico – Agronegócios – 01/04/2010

O mercado de etanol começa a ganhar contornos mais organizados. O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) e a BMF&Bovespa lançaram um indicador diário para o etanol hidratado, que será usado na liquidação de um contrato desse produto que será lançado pela bolsa paulista. A data de estreia desse instrumento ainda não está definida, mas o objetivo será apoiar a comercialização do produto no mercado interno, segundo Fabiana Perobelli, gerente de produtos do Agronegócio da BM&FBovespa.

O indicador será diário e terá formação de preço em Paulínia (SP), por ser referência em distribuição de combustíveis no Brasil. Ele será calculado a partir de informações de preços fornecidas por produtores de etanol, distribuidoras de combustíveis e corretores.

A BMF&Bovespa lançou em maio de 2007 o contrato futuro de álcool anidro. Naquele ano, foram negociados 18.614 contratos, número que recuou para 16.608 no ano seguinte, segundo dados da bolsa. Segundo Fabiana, esse contrato foi criado com foco no mercado de exportação. "Enquanto tivemos oportunidades de preço na exportação, o contrato teve liquidez, que foi perdida com os desencadeamentos da crise mundial", explica a especialista.

Além de ter como foco o mercado interno, o contrato de etanol hidratado que será lançado pela bolsa paulista terá como principal diferença para o de anidro a liquidação, que será financeira, o que tende a elevar sua procura.

Também está em andamento uma negociação entre a Bolsa de Chicago e a BM&F Bovespa para cooperação em biocombustíveis para usar as plataformas das duas bolsas em contratos de etanol.

**Mercado aguarda contrato do etanol hidratado na BM&F** – Valor Econômico –  
Agronegócios – 01/04/2010

O mercado de etanol começa a ganhar contornos mais organizados. O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) e a BMF&Bovespa lançaram

um indicador diário para o etanol hidratado, que será usado na liquidação de um contrato desse produto que será lançado pela bolsa paulista. A data de estreia desse instrumento ainda não está definida, mas o objetivo será apoiar a comercialização do produto no mercado interno, segundo Fabiana Perobelli, gerente de produtos do Agronegócio da BM&FBovespa.

O indicador será diário e terá formação de preço em Paulínia (SP), por ser referência em distribuição de combustíveis no Brasil. Ele será calculado a partir de informações de preços fornecidas por produtores de etanol, distribuidoras de combustíveis e corretores.

A BMF&Bovespa lançou em maio de 2007 o contrato futuro de álcool anidro. Naquele ano, foram negociados 18.614 contratos, número que recuou para 16.608 no ano seguinte, segundo dados da bolsa. Segundo Fabiana, esse contrato foi criado com foco no mercado de exportação. "Enquanto tivemos oportunidades de preço na exportação, o contrato teve liquidez, que foi perdida com os desencadeamentos da crise mundial", explica a especialista.

Além de ter como foco o mercado interno, o contrato de etanol hidratado que será lançado pela bolsa paulista terá como principal diferença para o de anidro a liquidação, que será financeira, o que tende a elevar sua procura.

Também está em andamento uma negociação entre a Bolsa de Chicago e a BM&F Bovespa para cooperação em biocombustíveis para usar as plataformas das duas bolsas em contratos de etanol.

**Em PE, metade dos fornecedores é de assentados** – Ana Paula Grabois – Valor Econômico – Agronegócios – 05/04/2010

Gerson Carneiro Leão, de família tradicional de canavieiros de Pernambuco e presidente do Sindicato dos Cultivadores de Cana-de-Açúcar no Estado (Sindicape) há 24 anos, com um intervalo entre 2002 e 2004, é favorável ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e hoje representa até ex-sem-terra assentados. "Os assentados do MST estão todos plantando cana, são meus associados. Não tem outra coisa para plantar além da cana", diz Carneiro Leão, que também preside a comissão de cana da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O Sindicape tem hoje 14 mil associados, dos quais 7 mil são assentados rurais. "Há cinco anos, tínhamos 8 mil associados ao sindicato. Hoje, quase a metade do sindicato é de assentados do MST e de outros movimentos", diz o presidente da associação fundada

em 1963 como Sindicato dos Empregadores na lavoura da cana de Pernambuco. "Dos meus associados, 90% vão votar no candidato do Lula, não importa o nome", prevê.

Carneiro Leão avalia que o governo Lula fez política positiva aos fornecedores de cana, especialmente do Nordeste. "Foi negociada dívida e pudemos entrar no programa de preço mínimo do governo. E a ministra Dilma [Rousseff] nos deu uma subvenção que nos garante o preço de custo. Foi um recurso a fundo perdido."

A subvenção aos plantadores de cana e usineiros no Nordeste e da região de Campos (RJ) foi cortada no governo Fernando Henrique Cardoso e retomada apenas aos fornecedores no atual governo. "Lula tem sido nosso garoto-propaganda, foi o melhor presidente nos últimos anos. O FHC foi um desastre, péssimo para nós", disse. O argumento é de que a produtividade nas duas regiões é menor e emprega mais pessoas em comparação ao Oeste de São Paulo, onde está concentrada a produção mais mecanizada e moderna da cana-de-açúcar no país. O cultivador diz que o subsídio de R\$ 5 por tonelada de cana colhida não cobre todo o custo de produção, pois houve defasagem nos preços utilizados pelo governo. Em 2009, diz ele, o governo federal gastou R\$ 90 milhões com a ajuda e diz que "somente um produtor de soja recebeu R\$ 30 milhões do governo" em programa semelhante.

Carneiro Leão se diz mais do que eleitor do governador de Pernambuco e presidente do PSB, Eduardo Campos. "Sou cabo eleitoral dele", afirma, ressaltando programa de distribuição de fertilizantes aos pequenos e médios produtores no Estado. O setor também tem recebido financiamento do BNDES, do Banco do Nordeste e do Banco do Brasil. (APG)

#### **Usineiros buscam candidato da continuidade** – Ana Paula Grabois – Valor Econômico – Agronegócio - 05/04/2010

Os pré-candidatos do PT e do PSDB à Presidência da República, Dilma Rousseff e José Serra, respectivamente, entram na disputa pelo apoio do setor sucroalcooleiro em situação desigual.

Beneficiado com refinanciamento de dívidas no Banco do Brasil e com crédito farto no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no governo Luiz Inácio Lula da Silva, o setor da cana-de-açúcar está satisfeito com o presidente, considerado garoto-propaganda do etanol no mundo. De 2002 ao ano passado, a produção de álcool subiu 140% e a exportação do combustível ficou nove vezes maior.

Parte do setor confia na continuidade da política lulista por Dilma. "Não poderia dizer que tem unidade, mas existe um reconhecimento do governo Lula. Com toda certeza, vai ter uma parte que vai apoiar e outra que não vai apoiar", diz o presidente executivo da União dos Produtores de Bioenergia (Udop), Antonio Cesar Salibe.

Serra foi cauteloso com o setor ao manter a redução da alíquota de ICMS sobre o etanol de 25% para 12%, adotada no governo anterior. Por outro lado, os produtores não veem com bons olhos as medidas de proteção ambiental adotadas pelo seu governo em São Paulo. O Estado produz 75% do etanol brasileiro, o equivalente a 25% da produção mundial.

Em junho de 2007, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente de São Paulo assinou protocolo com os produtores para diminuir o prazo do fim da queimada da cana-de-açúcar, o que obriga a mecanização na colheita e a recapacitação dos trabalhadores do corte. A chamada "cana verde", que não é queimada, só pode ser colhida por meio de máquinas substituindo a colheita manual.

Em terrenos com declividade, o prazo para a eliminação da queimada da cana foi reduzido de 2017 para 2013, conforme o protocolo do governo estadual. Nas áreas planas, o prazo, previsto por lei estadual para 2021, foi antecipado para 2014. "Em 2017, a prática da queima estará abolida e 90% estarão fazendo a mecanização", afirmou o gerente do projeto "Etanol Verde" e diretor de sustentabilidade da secretaria de Meio Ambiente, Ricardo Viegas.

O diretor da secretaria argumenta que 90% dos canaviais são mecanizáveis. No Estado, 70% das plantações são de propriedade de usineiros de álcool e açúcar. O restante está nas mãos dos fornecedores de cana. "A queima representa prática de cultivo ultrapassada. Os produtores estão ganhando com isso, tem pressão externa para ser ambientalmente correto e não dá mais para admitir essa qualidade de trabalho do corte da cana", afirmou Viegas.

Os resultados do protocolo são positivos, afirma o diretor de sustentabilidade do governo estadual. Em 2007, apenas 30% dos canaviais eram mecanizados em São Paulo. Três anos depois, a participação já é majoritária e saltou para 56%, mesmo com o aumento da área colhida no período. "No início, houve resistência, principalmente em relação aos investimentos necessários, mas hoje os empresários donos de 94% da produção já assinaram o protocolo", disse Viegas.

O documento foi assinado pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica) - que representa 119 empresas de açúcar e álcool - e por alguns fornecedores de cana. A maior dificuldade está entre os produtores pequenos, sem capacidade de investimento em máquinas, mas que devem, segundo prevê Viegas, ser incorporadas pelas grandes empresas de etanol nos próximos anos.

Um empresário do setor avalia que a entrada do capital estrangeiro no negócio do etanol produzido no Brasil forçou a modernização da colheita e das relações de trabalho, além do aumento do investimento. Os novos usineiros do exterior, que ainda não enfrentaram uma eleição presidencial brasileira, aguardam sinalização dos candidatos sobre as políticas propostas para o negócio e especialmente em relação aos movimentos sociais no campo, como o MST.

A modernização, no entanto, não resolveu o que fazer com os cortadores de cana, sem qualificação para exercer outras atividades, embora o corte seja considerado trabalho exaustivo. "Botaram muita pressão sobre as condições de

trabalho e ambiental. A velocidade foi muito grande e não vamos conseguir recapacitar 1,5 milhão de pessoas no prazo exigido, incluindo os que vem e voltam do Nordeste. Tenho medo de parecer retrógrado, mas não é isso. Teria que ter mais tempo para requalificar e empregar os trabalhadores", afirma um usineiro que não quis ser identificado.

A Unica estima em 500 mil o total de trabalhadores no corte da cana no país, sendo 140 mil no Estado de São Paulo. A entidade iniciou no fim de fevereiro programa de requalificação profissional. O projeto "Renovação" vai investir R\$ 2,5 milhões com patrocínio do grupo Case e das empresas John Deere e Syngenta e apoio do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

O objetivo é requalificar 7 mil trabalhadores ao ano por meio de cursos profissionalizantes voltados para o próprio segmento, como motoristas canavieiros, operadores de colheitadeira, eletricitas e mecânicos, e para outros segmentos da economia, como avicultura, jardinagem, construção civil, horticultura e costura.

**Em PE, metade dos fornecedores é de assentados** – Ana Paula Grabois – Valor Econômico – Agronegócios – 05/04/2010

Gerson Carneiro Leão, de família tradicional de canavieiros de Pernambuco e presidente do Sindicato dos Cultivadores de Cana-de-Açúcar no Estado (Sindicape) há 24 anos, com um intervalo entre 2002 e 2004, é favorável ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e hoje representa até ex-sem-terra assentados. "Os assentados do MST estão todos plantando cana, são meus associados. Não tem outra coisa para plantar além da cana", diz Carneiro Leão, que também preside a comissão de cana da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). O Sindicape tem hoje 14 mil associados, dos quais 7 mil são assentados rurais. "Há cinco anos, tínhamos 8 mil associados ao sindicato. Hoje, quase a metade do sindicato é de assentados do MST e de outros movimentos", diz o presidente da associação fundada em 1963 como Sindicato dos Empregadores na lavoura da cana de Pernambuco. "Dos meus associados, 90% vão votar no candidato do Lula, não importa o nome", prevê.

Carneiro Leão avalia que o governo Lula fez política positiva aos fornecedores de cana, especialmente do Nordeste. "Foi negociada dívida e pudemos entrar no programa de preço mínimo do governo. E a ministra Dilma [Rousseff] nos deu uma subvenção que nos garante o preço de custo. Foi um recurso a fundo perdido."

A subvenção aos plantadores de cana e usineiros no Nordeste e da região de Campos (RJ) foi cortada no governo Fernando Henrique Cardoso e retomada apenas aos fornecedores no atual governo. "Lula tem sido nosso garoto-propaganda, foi o melhor presidente nos últimos anos. O FHC foi um desastre, péssimo para nós", disse. O argumento é de que a produtividade nas duas regiões é menor e emprega mais pessoas em comparação ao Oeste de São Paulo, onde está concentrada a produção mais mecanizada e moderna da cana-de-açúcar no país. O cultivador diz que o subsídio de R\$ 5 por tonelada de cana colhida não cobre todo o custo de produção, pois houve defasagem nos preços utilizados pelo governo. Em 2009, diz ele, o

governo federal gastou R\$ 90 milhões com a ajuda e diz que "somente um produtor de soja recebeu R\$ 30 milhões do governo" em programa semelhante.

Carneiro Leão se diz mais do que eleitor do governador de Pernambuco e presidente do PSB, Eduardo Campos. "Sou cabo eleitoral dele", afirma, ressaltando programa de distribuição de fertilizantes aos pequenos e médios produtores no Estado. O setor também tem recebido financiamento do BNDES, do Banco do Nordeste e do Banco do Brasil. (APG)

**"Nunca um governo fez tanto por nosso setor", diz fundador da UDR** – Ana Paula Grabois – Valor Econômico – Agronegócio – 05/04/2010

O empresário Luiz Guilherme Zancaner, dono do grupo Unialco, com três usinas de álcool e açúcar, apoia o governo de Luiz Inácio Lula da Silva e tem confiança de que a pré-candidata do PT à Presidência, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, continue com a política favorável à expansão do setor. Fundador da União Democrática Ruralista (UDR), Zancaner é sobrinho do ex-senador da Arena Orlando Zancaner, mas não poupa elogios Lula. A opção, diz o empresário, é pragmática. Zancaner é diretor secretário da Unidade dos Produtores de Bioenergia (Udop), entidade de usineiros da região Oeste de São Paulo, onde está concentrado o rico e produtivo agronegócio da cana no país.

**Valor:** *Qual é a expectativa que o senhor tem com relação à ministra Dilma Rousseff?*

**Luiz Guilherme Zancaner:** Houve uma sinalização muito boa da parte dela, de continuidade. Não se esperava a crise e o governo Lula ajudou. Essa já é a terceira vez que ela vem à feira [referindo-se à Feicana, feira de negócios do setor em Araçatuba]. Também já estive com ela no ministério.

**Valor:** *O senhor a conhece há muito tempo?*

**Zancaner:** Pouco antes de Lula ser eleito, em 2006, antes do segundo turno, estivemos numa reunião fechada em um hotel em São Paulo. Estavam Lula, Dilma, Celso Amorim, o então ministro da Agricultura, Luis Carlos Guedes. Do nosso setor, estavam eu, Rubens Ometto, José Pessoa, Maurílio Biagi, Eduardo Carvalho e Hermelindo Ruet. Naquela reunião, Lula expôs ao setor o que ele fez e o setor reconheceu.

**Valor:** *Foi uma reunião de acordo?*

**Zancaner:** Lula e Dilma mostraram a afinidade com o setor. O governo patina algumas vezes, por causa da burocracia, mas nós patinamos também na questão do cumprimento dos preços. Falta estoque regulador.

**Valor:** *Estoque feito pelo governo?*

**Zancaner:** A falta de estoque regulador de preços é ruim para nós, para o consumidor e para o governador. Se a Petrobras fizesse parte disso, ganharia dinheiro.

**Valor:** *Como o senhor avalia a atuação do governo Lula no setor?*

**Zancaner:** Na crise, o governo fez a parte dele. Deu crédito, apesar de toda a burocracia para liberar. O governo Lula foi excepcional para o nosso negócio, fico até emocionado. O setor fez muito pelo Brasil, mas o governo está fazendo muito pelo setor. Nunca houve antes política tão boa para nós. O presidente Lula não perde nenhuma oportunidade de ser gentil. Outras pessoas não perdem a oportunidade de serem desagradáveis, arrogantes.

**Valor:** *É sobre o pré-candidato do PSDB à Presidência, José Serra, que o senhor está falando? Ele tem sido restritivo à plantação da cana?*

**Zancaner:** Só posso afirmar que o Serra é um excelente administrador, mas considero que o Serra não vê o setor como o Lula vê. O Lula formou uma equipe boa, como o ótimo ministro da Agricultura, o Reinhold Stephanes. Noto que o Lula fez um governo melhor. O Fernando Henrique Cardoso fez as bases, mas Lula e Dilma construíram os canais conosco.

**Valor:** *E o senhor acha que a Dilma vai dar continuidade?*

**Zancaner:** A Dilma foi muito clara quando esteve aqui, em Araçatuba. A linha é de continuar a política de Lula.

**Valor:** *O senhor esteve com ela?*

**Zancaner:** Sim, conversei com ela. Sinto que a maioria do setor, mesmo com os problemas com o MST, tem afinidade com a ministra e um diálogo muito bom. O governador [que deixou o cargo na sexta-feira] Serra é mais fechado, não temos diálogo com ele.

**Valor:** *O senhor tem diferenças ideológicas com o atual governo e com a ministra Dilma?*

**Zancaner:** Fui fundador da UDR de Araçatuba, em 1988. Sou muito amigo do Ronaldo Caiado. Tenho divergências ideológicas tanto com Lula quanto com a ministra. Tenho divergência em relação ao MST, nessa questão dos direitos humanos, do ministro Vannuchi, a quem sou muito crítico. Acho que nessa questão da anistia, o que passou, passou. Mas se quer revisar a anistia, quem sequestrou, assaltou banco, quem matou também tem que ser julgado. Tem que ter equidade.

**Valor:** *Quer dizer que esse apoio ao governo Lula e à Dilma é uma questão pragmática?*

**Zancaner:** É uma questão pragmática, do nosso negócio. O governo, por exemplo, se preocupa com a desnacionalização do setor, o que é importante para nós. Nessa questão é importante ter equilíbrio, é interessante o capital estrangeiro vir



porque melhora o preço dos nossos ativos. E nós precisamos desse capital. Mas precisa ter equilíbrio. O custo de capital deles é muito menor por causa dos juros que eles encontram lá fora.

**Valor:** *O governo poderia oferecer juros mais baixos, no patamar do americano?*

**Zancaner:** Poderia ser juro mais barato do BNDES.

**Valor:** *A ministra Dilma defende o fortalecimento dos grupos nacional do setor de etanol. Qual seria a maneira de fazer isso além de aumentar a oferta de financiamento?*

**Zancaner:** Por que a Petrobras não pode participar dos grupos nacionais? O governo deverá fortalecer e tem condição de dar sustentação dos grupos nacionais para dar equilíbrio ao capital nacional. Hoje, o capital estrangeiro já tem 25% de toda a produção de cana do Brasil.

**Valor:** *Como poderia ser essa participação da Petrobras?*

**Zancaner:** A Petrobras tem mais chance de entrar na produção de etanol, na usina. A empresa já faz contratos de exportação com o Japão, já tem estrutura de distribuição.

**Valor:** *O senhor defende que a Petrobras plante cana ou seja proprietária de terras?*

**Zancaner:** Não, seria uma participação só nas usinas.

**Valor:** *Os usineiros sempre foram adversários do PT. O senhor acha que contraria a tendência?*

**Zancaner:** Temos deputados do PSDB, DEM, PP, PPS. Eles têm atividade conosco. Acredito que o Serra vá sinalizar qual é a política para o setor, o que ele quer para o etanol. O Alckmin [ex-governador de São Paulo do PSDB Geraldo Alckmin] dialogava com o setor, fez um rearranjo do ICMS do setor, fez a lei das queimadas, mas o Serra modificou e diminuiu o prazo para reduzir as queimadas.

**Valor:** *O senhor acha o governo Lula bom, para além do seu setor?*

**Zancaner:** Sou um sujeito de direita, sou a favor da livre iniciativa, mas tenho sensibilidade social. O Bolsa Família mudou o Nordeste. Tinha gente sem dinheiro para comer ou para comprar uma pasta de dente. A situação fora de São Paulo, do Sudeste, é muito diferente. O Brasil ainda tem muita miséria.

**Valor:** *E o senhor tem pretensões políticas?*

**Zancaner:** Por enquanto não tenho nenhuma. (APG)

**Tavares de Melo estuda construir eólicas no Nordeste** - Murillo Camarotto –  
Valor Econômico – Empresas – 09/04/2010

Aos 67 anos, o engenheiro pernambucano Romildo Tavares de Melo já ensaiou a aposentadoria algumas vezes, mas sempre acabou refugando, absorvido pelos negócios do grupo empresarial que leva o seu sobrenome. Hoje, garante que o momento de parar chegará em, no máximo, dois anos. Os planos de diversificação do grupo, entretanto, indicam que a sombra e a água fresca terão que esperar um tanto mais.

Fundado em 1928 por Arthur Tavares de Melo, pai de Romildo, o grupo Tavares de Melo é um dos mais conhecidos de Pernambuco. Em 82 anos, já produziu açúcar, álcool, sorvete, sucos, calçados e sacos industriais. Atualmente, se dedica à fabricação dos sucos Maguary e Dafruta, bem como ao negócio de distribuição de combustíveis - é sócio da rede Ello-Puma. Em breve, o grupo familiar deverá ingressar no segmento de energia eólica, bastante promissor no Nordeste.

Os projetos eólicos devem ser implementados no Rio Grande do Norte e na Paraíba, em terras de propriedade da família. "Estamos erguendo torres para medir o potencial dos ventos e poderemos pensar em um empreendimento, talvez já no próximo leilão", afirmou o Romildo, que é presidente da Empresa Brasileira de Bebidas e Alimentos (Ebba), dona das marcas Maguary e Dafruta.

Em dezembro, o leilão de energia eólica promovido pelo governo foi considerado muito bem sucedido e resultou na contratação de 1.805 megawatts (MW), com entrega a partir de julho de 2012. A maioria absoluta dos empreendimentos, cerca de 90%, será construída no Nordeste, especialmente no Rio Grande do Norte e no Ceará, onde sopram os melhores ventos.

A expectativa dos especialistas é de que um novo leilão seja realizado em junho deste ano. "A energia eólica está na moda. Já pensamos em construir PCHs (Pequenas Centrais Hidrelétricas), mas acabamos optando mesmo pela eólica", contou Tavares de Melo.

No negócio de sucos, os Tavares de Melo esperam dobrar, neste ano, o faturamento de R\$ 255,6 milhões que obteve em 2009. A ideia é aumentar em 35% a capacidade de produção, lançar novos produtos e aumentar a eficiência da distribuição. Para isso, a Ebba deve investir pelo menos R\$ 12 milhões. Outra fonte esperada de receitas deve ser a sinergia entre as marcas Maguary e Dafruta.

Criada pela família em 1953, a marca Maguary foi vendida para a Souza Cruz em 1984. Insatisfeito com a venda, um dos irmãos criou a Dafruta, abrindo, inclusive, fábricas nas mesmas cidades da Maguary: Araguari (MG) e Aracati (CE). Em um capricho do destino, no entanto, a Maguary voltou para as mãos dos Tavares de Melo em maio de 2009, comprada da Kraft Foods.

Atualmente, a Ebba lidera o mercado brasileiro de sucos processados, mas ainda busca espaço no segmento do produto "prontos para beber", que cresce 10% ao ano, puxado pelo aumento do poder de compra da população. Para ganhar uma fatia

maior deste mercado, entretanto, a companhia pensa em buscar fôlego financeiro atraindo sócios, e uma das alternativas em análise é a abertura de capital.

"Ainda é um pouco cedo. Uma abertura de capital exige uma empresa de porte razoável. Mas nada impede que possamos ir à bolsa no futuro", afirmou Romildo, que também trabalha com a hipótese de atrair um sócio privado para a Ebba. "Temos uma história longa de sociedades muito bem sucedidas", pontuou o executivo.

A falta de capital em momentos decisivos faz parte da história do grupo Tavares de Melo. Um dos momentos mais difíceis foi a venda, em 2007, do negócio de açúcar e álcool para o grupo francês Louis Dreyfus.

"O setor ia crescer muito no Brasil e precisávamos de um alto investimento para, pelo menos, manter a nossa participação no mercado, que na época era de 1,8%. Diante disso, e também de algumas diferenças familiares, fomos ao mercado vender", contou o executivo.

No caso da Maguary, em 1984 a marca tinha 40% do mercado e precisava de capital. "Na busca de um sócio estratégico, acabamos vendendo tudo", revelou Romildo, sem muitos detalhes. Já em 2007, os Tavares de Melo venderam a fabricante de calçados Dupé para a São Paulo Alpargatas.

Atualmente, o grupo detém 25% da distribuidora de combustíveis Ello-Puma, que atende 14 estados brasileiros. Os sócios são os empresários pernambucanos Carlos Beltrão e Eliezer Menezes, além da Puma Petróleo.

### **Bunge eleva aporte na área de açúcar e álcool – Fernando Lopes – Valor econômico – Agronegócio – 09/04/2010**

A Bunge deverá investir cerca de US\$ 750 milhões nos próximos três anos para expandir as três primeiras usinas de açúcar e álcool que comprou ou construiu no país desde que estreou no segmento, em 2008. As cinco unidades incorporadas a partir da aquisição do controle da paulista Moema Partambém deverão ser ampliadas, mas a programação e o aporte de recursos para isso ainda não estão definidos.

Com esses investimentos, a multinacional americana projeta incrementar em 50% a capacidade conjunta de moagem de cana de sua estrutura sucroalcooleira. Somando-se as três primeiras usinas com as unidades antes administradas pela Moema, a capacidade total chegará, até junho, a 20 milhões de toneladas de cana por safra. Até 2012, serão 30 milhões, mesmo se as cinco unidades recém-absorvidas não forem incrementadas.

Os US\$ 750 milhões fazem parte de um plano de investimentos trienal (2010-2012) de US\$ 2,8 bilhões deflagrado justamente com a aquisição do controle dos negócios da Moema, que custou US\$ 1,5 bilhão. Ou seja: do plano total, a frente

sucroalcooleira, na qual a múlti já assumiu a terceira posição no Brasil, atrás deCosan e Louis Dreyfus, deverá representar 80%.

"Isso não significa que vamos tirar o pé do acelerador nos demais segmentos em que atuamos. Mas a área de açúcar e bioenergia é nova para nós e a encaramos com grande entusiasmo", afirmou Pedro Parente, CEO e presidente da holding Bunge Brasil, fortalecida em suas atribuições executivas após uma reestruturação da gestão no país que está em sua etapa final.

Apesar de estar no comando de uma das maiores operações da Bunge no mundo apenas desde janeiro, o ex-ministro do governo Fernando Henrique Cardoso e ex-presidente do conselho da Petrobras, entre outros muitos cargos que ocupou, fala com desenvoltura sobre os planos de investimento. Mas admite que a abrangência das operações da companhia no país é um desafio.

Além das oito usinas sucroalcooleiras, a Bunge conta no Brasil com sete moinhos de trigo - é a líder no segmento -, oito fábricas de processamento de soja, sete refinarias, cinco de envase de óleos vegetais, uma unidade de maionese, uma de margarina e 20 plantas de "mistura" de fertilizantes, onde são feitos os produtos finais aplicados no solo.

Essa estrutura de fertilizantes não foi incluída na transação com a mineradoraVale, que comprou da múlti, por US\$ 3,8 bilhões, apenas a área de mineração que pertencia à divisão Bunge Fertilizantes, incluindo a participação majoritária naFosfertil, maior produtora de matérias-primas para adubos do país. A transação, anunciada no início do ano, deverá ser concluída até o fim deste mês.

Maior exportadora do agronegócio brasileiro, por causa da soja, e terceira maior do ranking geral, atrás de Petrobras e Vale - US\$ 4,344 bilhões em embarques em 2009, segundo dados da Secex -, a Bunge faturou R\$ 31,7 bilhões no país em 2008, quando suas vendas líquidas globais alcançaram US\$ 52,574 bilhões. O grupo, que tem ações negociadas em bolsa nos Estados Unidos, ainda não publicou seu balanço do ano passado e preferiu não divulgar estimativas sobre os resultados brasileiros.

Parente recebeu o **Valor** em sua sala na sede da Bunge em São Paulo, na zona sul da capital. Desembarcara na cidade três horas antes, vindo do QG mundial situado em White Plains, Nova York, a cerca de meia hora de trem de Manhattan. Mas já havia estado ali com o CEO global da multinacional, o brasileiro Alberto Weisser desde que as negociações entre empresa e executivo começaram, em agosto do ano passado.

Depois de apresentados, jantaram juntos e, segundo Parente, a empatia entre os dois foi imediata. "Minha vida estava arrumada. Era presidente do conselho daCPFL, participava de conselhos de outras empresas e tinha tempo para algumas consultorias. Mas fui atraído pelo desafio de fazer a integração das operações da Bunge no Brasil", relembra.

Foi em função das estruturas replicadas de gestão das divisões Alimentos e Fertilizantes e da entrada forte em um novo segmento de atuação - açúcar e bioenergia - que a reestruturação tornou-se necessária. "É um negócio difícil, que vai do campo ao consumidor final e tem margens apertadas. Temos que extrair o maior valor possível de cada elo das cadeias nas quais atuamos".

E essas cadeias, no que depender de Parente, vão crescer. O plano de investimentos de US\$ 2,8 bilhões foi definido antes da venda dos ativos minerais de fertilizantes para a Vale, e quando os recursos oriundos do negócio entrarem no caixa - o pagamento será em dinheiro - a divisão brasileira disputará seu quinhão.

Independentemente disso, oportunidades de aquisições no segmento de açúcar e etanol continuam no radar e novos negócios podem ser definidos a qualquer momento, sobretudo porque a incorporação da Moema está praticamente terminada, com a manutenção de quase todo o corpo administrativo - Ricardo Brito, sócio e presidente do grupo quando da aquisição é o presidente do conselho de açúcar e bioenergia da multinacional no país.

"O Brasil é o país mais eficiente nessa área. Temos uma avenida de possibilidades", disse Parente. Nas usinas que já opera nos Estados de São Paulo, Tocantins e Mato Grosso do Sul, o objetivo é sempre ter o maior índice de mecanização da colheita possível. A unidade de Pedro Afonso, em Tocantins, deverá entrar em operação em junho com capacidade inicial para moer 2,5 milhões de toneladas de cana por safra. Tanto ela quanto as usinas Santa Juliana, em São Paulo, e Monte Verde, em Mato Grosso do Sul, serão ampliadas para 4,5 milhões de toneladas até 2012.

#### **Cosan expande atuação no comércio açucareiro – Valor Econômico – Agronegócio – 09/04/2010**

A Cosan, maior produtora de açúcar e etanol do Brasil, pretende expandir sua atuação no comércio internacional de açúcar por meio de serviços adicionais como contratação de frete e venda direta ao consumidor final.

Segundo o vice-presidente da Cosan SA, Colin Butterfield, que assumiu o comando da divisão Cosan Alimentos há pouco mais de um mês, a empresa atualmente vende açúcar na modalidade FOB Santos, deixando para as tradings os serviços de transporte e os contatos com compradores externos.

"Queremos passar a ser algo mais próximo de uma trading, passar a agregar novas metodologias, novos riscos e novas arbitragens", disse Butterfield durante evento promovido quinta-feira pela companhia em São Paulo.

Segundo ele, o volume de açúcar negociado pela empresa, em torno de 4 milhões de toneladas, é equivalente ao movimentado por grandes tradings globais. "Hoje vendemos FOB Santos e as tradings levam para os destinos... Estamos pensando em como agregar mais valor à nossa commodity", diz Butterfield.

Ele afirmou que a companhia "tomou um susto" com o tamanho da queda do preço do açúcar nos últimos 50 dias, quando o produto foi de aproximadamente 30 centavos de dólar por libra-peso para 16 centavos.

"Esperávamos que era para estabilizar em um patamar menor, mas a velocidade da queda nos surpreendeu", afirmou, acrescentando que trabalha com cenário de consolidação dos valores em torno dos níveis atuais.

O executivo afirmou que para o mercado interno a estratégia é deixar de ser uma empresa só de açúcar, adicionando outros gêneros alimentícios ao portfólio, aproveitando a capilaridade de distribuição que a Cosan já possui, servindo a aproximadamente 12 mil estabelecimentos.

"Agregar produtos faz sentido, pois temos capilaridade, marca e força de venda". Segundo ele, a ideia de levar outros produtos para o varejo pode se dar por meio de parceiros ou produção própria. Achocolatados com a marca União, por exemplo, seriam uma possibilidade.

#### **Com poucos novos projetos, Paraná perde participação na safra de cana – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 12/04/2010**

Apesar da boa logística e da proximidade dos grandes centros consumidores, o Paraná tem enfrentado problemas para acompanhar o ritmo de crescimento da produção sucroalcooleira de outros polos do país. Nas últimas quatro safras - já incluindo a temporada que se inicia (2010/11) -, apenas três usinas novas começaram a moer cana no Estado, de um universo de 84 projetos que entraram em operação no Centro-Sul no mesmo período. Além de menor disponibilidade de terra, parte dessa aparente desvantagem paranaense é explicada pelo elevado volume de chuvas que limita a quantidade de açúcar na cana, deixando-a menos "doce" do que a de outros "concorrentes" na região.

Na temporada recém-encerrado (2009/10), o Paraná perdeu a posição de segundo maior processador de cana do Centro-Sul para Minas Gerais. As dez usinas que entraram em operação nas últimas duas temporadas em território mineiro elevaram a moagem no Estado de 42,4 milhões de toneladas, em 2008/09, para quase 51 milhões em 2009/10. Nessa comparação, a moagem paranaense, que não contou com o reforço de nenhuma usina nova, cresceu timidamente, de 44,8 milhões para 45,5 milhões de toneladas.

Em 2010/11, o Paraná deverá moer 50,8 milhões de toneladas, novamente abaixo do volume estimado para Minas Gerais. E na safra 2011/12, que começará em abril do ano que vem, a expectativa é que os paranaenses sejam superados também por Goiás, que na temporada atual já deverá encostar no Estado do Sul, com o processamento previsto em 48 milhões de toneladas - 8 milhões a mais do que no ciclo passado. O avanço goiano reflete, em grande medida, a entrada em operação de 14 novas usinas novas nas últimas duas safras, além de outras duas que deverão estreiar neste ano.

O zoneamento agrícola do Ministério da Agricultura estima que a área com vocação para a cultura da cana no Paraná é três vezes maior do que a atualmente cultivada. No entanto, ter vocação não significa necessariamente ter as melhores condições e, historicamente, as análises da quantidade de açúcar na cana do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC) indicam que a do Paraná de fato não é a mais "doce" do Centro-Sul. A cana paranaense rende, na média histórica, 13 toneladas de açúcar por hectare, ante entre 15 e 16 em Goiás e 15 em Minas Gerais.

É verdade que o Paraná costuma apresentar uma produtividade da cana em si superior a dos outros dois Estados, como explica o coordenador de Pesquisa e Desenvolvimento do CTC, Jorge Luís Donzelli; mas, como essa cana tem menos açúcar, a indústria precisa transportar e moer mais cana para obter a mesma quantidade de açúcar de uma usina em Goiás, por exemplo. Os níveis de açúcar extraídos da cana goiana são comparáveis aos da região de Ribeirão Preto (SP), uma das mais eficientes de São Paulo.

No ciclo 2010/11, Goiás deverá responder por um terço de todo o crescimento previsto para o Centro-Sul, segundo André Luiz Rocha, presidente do Sindicato da Indústria de Açúcar e Alcool do Estado. "E o perfil da produção é de álcool e energia. Das 33 unidades que moeram na safra passada, 21 fizeram só álcool", informa Rocha. O movimento reforça uma evidente tendência de expansão sucroalcooleira para regiões mais quentes, que também aceleram as pesquisas, inclusive do próprio CTC, de novas variedades adaptadas a essas condições. Conforme Donzelli, o centro deverá lançar três novas variedades mais resistentes a períodos mais longos de seca.

As condições climáticas fazem grande diferença. As variedades utilizadas no Paraná, por exemplo, têm resistência mais baixa para a escassez de água, pois o déficit hídrico local em condições extremas é de, no máximo, 10 milímetros por ano. No norte goiano, esses níveis podem chegar a 150 milímetros, explica Donzelli. "Nessas regiões, há necessidade até de irrigação de salvamento do canavial".

Por outro lado, as condições mais frias e chuvosas do Paraná reduzem o "desfrute" da safra, segundo Antônio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica). "O aproveitamento dos dias de moagem durante a safra, que fica historicamente em torno de 88% em São Paulo, é de cerca de 70% no Paraná", compara. Pádua acrescenta que as chuvas mais intensas também dificultam o avanço da mecanização dos canaviais, já que os solos mais úmidos atrapalham o trabalho das máquinas.

Em contrapartida, o Paraná tem uma das melhores logísticas de escoamento do Centro-Sul. Praticamente 100% do açúcar produzido segue por ferrovia. O Estado ainda "ajuda" a transportar, por ferrovias, produtos de Mato Grosso do Sul e do sul de São Paulo. É bom lembrar que a logística chega a representar 20% do preço do produto final.

Os grupos já consolidados no Paraná, como o Santa Terezinha, normalmente estão nas melhores terras e aproveitam a logística ao máximo para garantir competitividade ao negócio. "As usinas de cooperativas que vêm sendo alvo de aquisição no Paraná também estão em terras privilegiadas. Há outros grupos locais que também

expandiram em boas áreas", diz Pádua. Nos últimos meses, o Paraná foi alvo de alguns negócios, inclusive com multinacionais, como a compra das duas usinas paranaenses do Vale do Ivaí pela companhia indiana Shree Renuka. Mais recentemente também foi anunciada a aquisição da usina Cofercatu pelo grupo Alto Alegre, este de capital nacional.

**Dez usinas deverão iniciar a moagem na região Centro-Sul do país este ano –**  
Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 12/04/2010

A União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica) prevê que dez usinas entrarão em operação no Centro-Sul do país em 2010, mas nenhuma delas no Paraná. Minas Gerais terá três estreias, São Paulo e Goiás duas cada um e as outras três unidades que começarão a moer cana funcionarão em Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rio de Janeiro. A concorrência com culturas como milho e soja é apontada como um "entrave" para a expansão de novos projetos sucroalcooleiros no Paraná, que é o maior Estado produtor de grãos do Brasil.

A maior parte dos melhores solos paranaenses estão com as culturas de grãos e cereais, explica Jorge Luís Donzelli, coordenador de Pesquisa e Desenvolvimento do Centro de Tecnologia Canavieira (CTC). Mas o fato de a cana estar sendo cultivada em solos mais fracos que os de grãos não quer dizer que eles sejam ruins. A desvantagem, segundo ele, pode perfeitamente ser compensada com tecnologia, como por exemplo, adubação. Essa necessidade, no entanto, pode representar um custo agrícola 30% mais elevado.

É preciso considerar que, nessa equação, o custo da cana representa 60% do custo de produção final do açúcar e do álcool, conforme acrescenta Antônio de Pádua Rodrigues, diretor-técnico da Unica.

Além disso, a concorrência dos grãos puxa para cima os preços da terra no Paraná - que, depois dos paulistas, são os maiores do Centro-Sul. Em 2009, o valor médio do hectare em Paranaíba (PR) foi de R\$ 10 mil, segundo levantamento da consultoria AgraFNP. Para Rio Verde (GO), esse valor foi de R\$ 9,4 mil, e para Uberlândia, de R\$ 9,16 mil.

"Essas novas fronteiras têm mais disponibilidade de terra. O Paraná tem terra disponível e boa, segundo o zoneamento, mas há regiões que não têm topografia muito favorável", diz Adriano Dias, superintendente da Associação dos Produtores de Bioenergia do Paraná (Alcooper). **(FB)**



**Álcool recua nos postos e começa a subir na usina** – Fabiana Batista – Valor Econômico – Agronegócios – 13/04/2010

Depois de ficar mais vantajoso do que a gasolina em apenas um estado no mês de fevereiro, o álcool voltou a ganhar competitividade nas bombas e, na primeira semana de abril, tornou-se mais atrativo ao consumidor final em nove Estados brasileiros, segundo levantamento da Agência Nacional de Petróleo (ANP). Entre a média de março e a primeira semana de abril, o preço nos postos da capital paulista, por exemplo, recuou 12% - de R\$ 1,606 para R\$ 1,409 -, segundo a ANP. Enquanto isso, o valor nas usinas, que estava em R\$ 0,833 na média de março, fechou a primeira semana de abril em R\$ 0,9139, alta de 9,7%, puxada sobretudo pelo aumento da demanda - que estava em retração.

De acordo com dados da União da Indústria da Cana-de-Açúcar (Unica), no mês de março as vendas de etanol ao mercado doméstico foram 13,3% menores do que em igual mês de 2009, por causa do preço menos atrativo na comparação com a gasolina. Mas, com a queda nos postos de combustíveis, já houve reação a partir da segunda quinzena de março. "Em dezembro, a venda diária era de 47 milhões de litros de etanol. Esse volume recuou para 35 milhões de litros em janeiro, para 28 milhões em fevereiro, e na segunda quinzena de março, tinha subido para 38 milhões de litros na segunda quinzena de março", segundo informou a Unica. Ontem, a entidade divulgou nota afirmando que eventuais faltas de produto em algumas regiões do país não têm relação com disponibilidade do produto nas usinas, e sim com questões logísticas, sob controle das distribuidoras.

A Unica também apresentou os dados de fechamento da safra 2009/10 no Centro-Sul até 31 de março com moagem de 541,94 milhões de toneladas de cana. Em março, foram processadas no Centro Sul 11,02 milhões de toneladas de cana, sendo 4,5 milhões referentes à safra 2009/10 e 6,52 milhões à temporada 2010/11, número menor que o esperado por causa das chuvas, segundo a Unica. No início do mês de abril, 98 usinas já estavam em operação, o que representa cerca de 30% do total que deverão operar nessa safra.

## **Colheita de cana avança, mas teor de açúcares tem redução – Valor Econômico - Agronegócios – 28/04/2010**

A moagem de cana na região Centro-Sul totalizou 26,2 milhões de toneladas do início da safra 2010/11 até 16 de abril, segundo a União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica). De acordo com balanço divulgado pela entidade, o aumento em relação ao mesmo período da temporada anterior chega a 52,2%, que pode ser explicado pela antecipação dos trabalhos, nesta temporada, de um "número considerável de usinas". O levantamento parcial confirma crescimentos da produção de açúcar e etanol, e também o perfil mais "açucareiro" do ciclo.

Apesar desses resultados, a Unica ressaltou que a quantidade de Açúcares Totais Recuperáveis (ATR) por tonelada de cana na primeira quinzena de abril continuou abaixo da mesma época da temporada passado, por conta do recente excesso de chuvas em regiões produtoras, principalmente de São Paulo.

Além de uma expectativa de colheita maior em 2010/11, confirmada pelos números iniciais, o cenário aponta para um avanço significativo da mecanização. Em 2009/10, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), a parcela dos trabalhos realizados sem queimadas foi superior (55,7%) à feita com o método de queima da palha pela primeira vez desde 2006 em São Paulo, início do monitoramento na região, informou nesta segunda-feira. **(Com Reuters)**

## **Safra recorde e mais etanol na gasolina impulsionam o setor – Valor econômico – Agronegócios – 30/04/2010**

O primeiro levantamento de campo da Conab sobre a produção de cana no país nesta safra 2010/11 confirmou que a colheita será recorde - 664,3 milhões de toneladas, 9,9% a mais que no ciclo anterior - e que o açúcar ganhará espaço do etanol na destinação da matéria-prima, ainda que a matéria-prima para a produção do combustível renovado permaneça com a maior parte.

As estimativas da Conab sinalizam aumentos no plantio em Estados como São Paulo e Mato Grosso do Sul, que ajudam a puxar o crescimento de 9,2% da área plantada nacional, calculada em 8,1 milhões de hectares. Há avanços em todas as regiões, inclusive no Norte. A produtividade média da produção de cana deverá subir, 0,6%.

Para os próximos três meses, a Conab tem informações de que o clima será favorável nas principais regiões produtoras, depois das chuvas que atrapalharam a colheita na última temporada.

Ainda no campo das boas notícias para os usineiros, o governo federal confirmou que o percentual de mistura de etanol anidro na gasolina voltará para 25% no domingo, o que elevará a demanda.

## **Biodiesel**

### **Petrobras vai puxar projeto 'palma verde' – Valor Econômico – Agronegócio – 06/05/2010**

A Petrobras será uma das principais estrelas do evento de hoje em Tomé-Açu, no Pará, que marcará o lançamento do Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma, do governo federal. Antecipado pelo **Valor**, o plano de estímulo, que será anunciado pelo presidente Lula, inclui linhas de crédito com juros subsidiados para o plantio de palmeiras e medidas para garantir que o ambiente seja poupado.

É na esteira desse programa, que também tem como objetivo atrair o interesse dos pequenos produtores pela cultura, que a Petrobras, estatal, confirmará seus projetos de produção de biodiesel a partir do óleo de palma. Além de uma investida em Portugal em parceria com a Galp Energia, a Petrobras também apresentará seu projeto de produção no Pará, fundamental para inserir os pequenos produtores na cadeia no biocombustível.

No Estado, a ideia é implantar uma usina de biodiesel com capacidade para produzir 120 milhões de litros por ano. Os aportes são estimados em R\$ 330 milhões. Segundo a companhia, já foram cadastradas 3.338 famílias - fornecedoras de matéria-prima em potencial - em quatro municípios, todas com as propriedades georeferenciadas.

Para o projeto português, os investimentos previstos para uma produção de 250 mil toneladas por ano chegam a R\$ 1 bilhão, R\$ 554 milhões dos quais no Brasil para a produção de 300 mil toneladas de óleo de palma por ano.

## POLÍTICA NACIONAL DE AGROBIOCOMBUSTÍVEIS

### **Etanol**

**Na Busca por mais Etanol, Ciência tenta Reinventar a Cana** – Estado de São Paulo – Vida – reportagem Especial – 17/04/2010

Que tal uma cana-de-açúcar com pouco açúcar? Pode soar contraditório – algo na linha de um cheeseburger sem queijo –, mas é justamente nisso que pesquisadores brasileiros estão trabalhando para a próxima geração de biocombustíveis no País.

Depois de séculos selecionando e cruzando variedades de gramíneas ricas em sacarose, para chegar ao que hoje chamamos de cana-de-açúcar, os cientistas agora se veem diante de um novo desafio biotecnológico: voltar às raízes genéticas da planta e gerar um novo tipo de cana, com mais fibra e menos sacarose, voltada para a produção de etanol celulósico.

Essa nova espécie ainda não existe no campo, mas seu nome já pode ser ouvido em todas as reuniões científicas que falam de biocombustíveis: “cana-energia”. O objetivo é fazer uma planta geneticamente otimizada para a produção de biomassa (matéria orgânica vegetal), em vez de sacarose (açúcar). Para isso, será preciso reprogramar a maneira como a cana distribui os carboidratos que produz via fotossíntese. Ou, como dizem os cientistas, alterar a “partição de carbono” da planta.

Depois de ser sugado da atmosfera e fixado quimicamente na forma de carboidratos, esse carbono (proveniente do CO<sub>2</sub>) pode seguir dois caminhos: síntese de sacarose ou síntese de celulose. Nas suas raízes, a cana foi uma planta desenvolvida para produção de sacarose. “Por acaso, agora, a gente usa a sacarose também para fazer etanol, mas a planta foi feita para produzir açúcar, e não energia”, explica a pesquisadora Glaucia Souza, do Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP).

Historicamente, portanto, as variedades selecionadas para cultivo foram aquelas que direcionavam a maior parte do carbono para a síntese de sacarose. Agora, com o etanol celulósico despontando no horizonte, a prioridade é outra. “Antes, quando aparecia uma cana parruda, com muita fibra e pouco açúcar, a gente jogava fora. Hoje são justamente essas variedades que procuramos”, completa Glaucia, que coordena o Programa de Bioenergia da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

O projeto é um dos pilares do esforço brasileiro para dominar a tecnologia do etanol celulósico, que permitiria até triplicar a produtividade de biocombustível dos canaviais. Hoje, o bioetanol é produzido por meio da fermentação do açúcar do caldo de cana, que representa apenas um terço do carbono – ou seja, da energia – presente na planta. Os outros dois terços estão embutidos na biomassa, divididos entre as folhas e o bagaço do colmo.

Uma opção seria desenvolver uma cana com mais açúcar e mais biomassa ao mesmo tempo. Mas há um limite para isso, pois a quantidade de carboidratos que a planta produz pela fotossíntese é finita. Ou ela vai fazer mais sacarose ou ela vai fazer mais celulose. As duas coisas ao mesmo tempo, para sempre, não dá.

Aí surge a segunda opção, da cana-energia, voltada especificamente para o etanol celulósico. Que é possível, os cientistas não têm dúvida. O desafio é chegar lá numa fração do tempo que levou para fazer a cana-de-açúcar.

Entra em cena a genética. No laboratório de Glaucia, pesquisadores trabalham com um portfólio de 40 genes da cana, ligados a características como aumento de biomassa, aumento de açúcar, tolerância a seca e estrutura da parede celular. Dez já estão no “pipeline”, sendo testados em plantas transgênicas, que crescem dentro de uma

salinha climatizada no canto do laboratório. As expectativas são boas, mas é sempre arriscado fazer prognósticos com uma planta que tem oito a dez cópias de cada cromossomo. Três vezes maior que o genoma humano, com 10 bilhões de letras químicas, organizadas em 120 cromossomos, o genoma da cana é um pesadelo biotecnológico. Vários pesquisadores no mundo já tentaram produzir canas transgênicas, sem sucesso. No laboratório, até que a coisa funciona. As plantas crescem melhor, resistem ao ataque de insetos, produzem mais açúcar ou seja lá o que for o objetivo da transgenia. Mas basta colocar as plantas no campo, para produção em larga escala, que o efeito da transformação genética desaparece misteriosamente.

Como a cana tem muitos cromossomos, há muita recombinação de material genético à medida que a planta cresce e suas células se multiplicam. A suspeita é que, em meio a todos esses rearranjos genômicos, o efeito da modificação genética acaba se diluindo, até desaparecer. Na linguagem dos cientistas, o transgene é “silenciado”.

“Tudo que já é difícil nas outras plantas é muito mais difícil na cana”, resume a pesquisadora Helaine Carrer, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), da USP de Piracicaba, no interior paulista.

Produção. Financiada pelo Bioen e associado ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol, o laboratório de Helaine está empenhado na produção de plantas transgênicas.

Duas salas climatizadas guardam centenas de vidrinhos com mudas de cana geneticamente modificadas para aumento de biomassa. Em alguns casos, os cientistas querem aumentar a expressão de um determinado gene, inserindo mais cópias dele no genoma. Em outros, querem silenciá-lo. Depois veem o que acontece com a planta.

“Para saber o que um gene faz, temos de modificá-lo”, explica Helaine, ressaltando que os genes usados na pesquisa são da própria cana-de-açúcar. O objetivo é acelerar o processo de melhoramento, identificando características genéticas específicas que possam ser de interesse para a cana-energia. Nesse momento, a equipe trabalha com 12 genes ligados a aumento de fotossíntese, aumento de biomassa e transporte de água para as células.

“A cana é uma planta incrível. Sabemos que ela é muito produtiva, mas pouco sabemos sobre como ela faz isso. Precisamos de muita ciência básica ainda”, ressalta Helaine. Sementender como uma fábrica funciona, diz ela, não há como aprimorar seus processos. E a cana é, essencialmente, uma fábrica de açúcar – que, agora, se quer transformar numa fábrica de celulose.

Se a busca por um novo tipo de cana, com alto teor de biomassa, exige um trabalho de reconstrução genômica, a eventual utilização dessa biomassa para produção de etanol celulósico passa, obrigatoriamente, por um serviço de demolição molecular. Cada célula da cana, assim como de outros vegetais, é revestida por uma malha de fibras de celulose e outros polímeros de açúcar que, juntos, funcionam como uma muralha, dando sustentação à planta e protegendo-a contra o ataque de fungos e bactérias. Para acessar os açúcares que compõem essa celulose e transformá-los em biocombustível, os cientistas terão de aprender a desmontar essa parede, molécula por molécula ou até átomo por átomo. Um trabalho nada trivial, que requer desfazer em alguns anos de pesquisa algo que a natureza levou milhões de anos para construir.

“Os tecidos vegetais evoluíram para não serem decompostos. As árvores não têm como fugir dos predadores, então elas precisam se proteger de alguma forma para evitar que fungos penetrem nas suas células e as devorem vivas”, explica Igor Polikarpov, pesquisador do Instituto de Física de São Carlos, da Universidade de São Paulo (USP). Ele é um de vários cientistas brasileiros, espalhados por várias disciplinas, empenhados em descobrir e desenvolver enzimas naturais capazes de quebrar essa muralha biológica. Sem isso, a cana-energia não servirá para nada.

Essa tecnologia, na verdade, já existe. A natureza está cheia de fungos e outros microrganismos capazes de digerir biomassa vegetal, e várias enzimas já foram isoladas deles para uso industrial. Detergentes para lavar louça, por exemplo, são cheios de enzimas que degradam resíduos de comida em pratos e panelas. Da mesma forma, há misturas enzimáticas (chamadas coquetéis) no mercado que já podem ser usadas para produção de etanol celulósico em laboratório, mas o custo ainda é alto demais para aplicação em escala industrial. Falta especificidade para o bagaço de cana, que é a principal fonte de biomassa disponível no Brasil.

“Quem planta cana somos nós e quem entende de cana somos nós. Então quem tem de desenvolver essa tecnologia somos nós”, diz o microbiólogo Gustavo Goldman, pesquisador da USP de Ribeirão Preto e do recém-construído Laboratório Nacional de Ciência e Tecnologia do Bioetanol (CTBE), em Campinas. Ele é especialista em fungos do gênero *Aspergillus* e quer entender como esses organismos controlam geneticamente a produção de suas enzimas. “Não é por falta de gente que não fazemos etanol celulósico ainda; é porque o problema é difícil mesmo”, diz.

“Precisamos de muita pesquisa. Muita pesquisa mesmo.”

O desafio é desenvolver um coquetel enzimático brasileiro, mais barato, mais eficiente e específico para demolição de bagaço de cana, que torne a produção de etanol celulósico economicamente viável em escala industrial. “Claro que há enzimas no mercado que degradam celulose, mas elas foram desenvolvidas para outras aplicações”, destaca o pesquisador Richard Ward, do Departamento de Química da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP de Ribeirão Preto. Ele trabalha com o melhoramento de enzimas que são identificadas na natureza por sua colega Mariade Lourdes Polizeli, do Departamento de Biologia, ambos associados ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) do Bioetanol.

Mariade Lourdes é outra especialista em fungos – que, por sua vez, são especialistas em digerir celulose. “Quando você vê uma madeira em decomposição, é porque tem algum microrganismo lá produzindo enzimas e se alimentando dessa madeira”, diz a pesquisadora, que guarda em sua sala uma geladeira

com mais de 200 espécies de fungos, coletados de várias regiões e ambientes do Estado de São Paulo – de amostras de solo, de esterco de vaca, de cascas de árvore, folhas, fontes de águas termais, canaviais, laranjais. É a maior biblioteca de fungos do País.

O dia a dia de seu laboratório consiste em identificar, isolar e estudar a atividade de enzimas presentes nesses fungos, visando a possíveis aplicações industriais – incluindo a produção de etanol celulósico. Uma das espécies mais promissoras identificadas até agora é o *Aspergillus niger*, isolado de uma manga podre que um aluno pegou do chão ali mesmo, no campus da universidade. Ensaios feitos no laboratório mostraram que o fungo é um ótimo produtor de enzimas degradadoras de parede celular e que ele resiste bem em temperaturas de até 50 graus Celsius – uma característica importante para eventuais aplicações industriais.

Uma vez que uma enzima promissora é identificada por Maria de Lourdes, cabe a Ward desvendar a estrutura atômica da molécula e fazer os “ajustes” necessários para que ela funcione da melhor maneira possível. O processo envolve a substituição de aminoácidos em pontos específicos da enzima, principalmente naqueles em que ela interage com as moléculas da parede celular, chamados “sítios ativos”. As enzimas funcionam como picaretas biológicas, que brando as ligações químicas que mantêm as moléculas da parede unidas. Os sítios ativos são a ponta da picareta.

Mas uma picareta só não basta. É preciso uma caixa inteira de ferramentas. A arquitetura da parede celular é bastante complexa e extremamente resistente, formada por um emaranhado supercompacto de fibras de celulose, hemicelulose e lignina (veja gráfico nesta página), conforme revelam pesquisas capitaneadas pelo biólogo Marcos Buckeridge, professor da USP, diretor científico do CTBE e uma das principais lideranças científicas do País no campo do etanol celulósico. Enquanto outros procuram pelas ferramentas de demolição, seu grupo se dedica à ciência básica de desvendar e entender a estrutura da parede celular – procurando, assim, por pontos fracos que permitam desmontá-la com maior eficiência. “Não adianta ter enzimas se não soubermos o que elas precisam atacar”, resume. A celulose, na linguagem química, é um polímero polissacarídeo – uma longa corrente de moléculas de glicose grudadas umas nas outras. Ou seja, é uma cadeia de açúcares. O objetivo final é romper os elos dessa corrente, deixando as moléculas de glicose livres para serem fermentadas por leveduras, como já é feito tradicionalmente com a sacarose do caldo de cana. Só que, para isso, é preciso quebrar a parede inteira. Para facilitar o trabalho das enzimas, a biomassa é antes submetida a um pré-tratamento químico ou físico que fragmenta a parede e “esgarça” parcialmente as fibras. Mas, ainda assim, é umosso duro de roer. Por isso os cientistas sabem que vão precisar de muitos fungos e muitas enzimas para montar a equipe de demolição ideal. “Não existe o fungo perfeito”, diz Polikarpov. “Se houvesse um único fungo superpoderoso, capaz de degradar tudo sozinho, não existiriam mais plantas, porque ele já teria acabado com todas.”

O mais provável é que o coquetel ideal para o bagaço de cana será uma mistura de diversas enzimas, isoladas de diferentes organismos. Especialista em desvendar a estrutura molecular de proteínas, Polikarpov estuda agora o funcionamento de várias delas para tentar entender como elas interagem com a biomassa.

“Para fazer uma boa sopa, você tem de conhecer o sabor de cada ingrediente; da carne, da batata, etc. No coquetel enzimático é a mesma coisa. Para montar a

receita ideal, precisamos conhecer a atividade de cada enzima individualmente”, compara o cientista.

## **O etanol brasileiro e as petroleiras** – Mauro Biagi Filho – Estado de São Paulo – Economia – 21/04/2010

O setor sucroalcooleiro cresceu com um ritmo nos últimos anos. Do ponto de vista ambiental, principalmente, depois da intensificação das campanhas de alerta para o aquecimento global. Mas sob o aspecto econômico ele continua pobre quando comparado ao complexo petrolífero mundial. Enquanto dezenas de usinas de etanol estão à venda, as petroleiras continuam a exibir lucros bilionários, sem ligar para as oscilações no valor da sua matéria-prima.

A Petrobrás registrou o segundo maior lucro das Américas (R\$28.982 bilhões), ficando atrás apenas da Exxon.

Embora ainda como inferior às expectativas do mercado, é um resultado que talvez supere a soma dos lucros das mais de 400 unidades de produção de etanol do Brasil. Ainda, como lucro de apenas um ano, a Exxon poderia comprar todo o parque sucroalcooleiro do Brasil. Nada contra o lucro das petroleiras. Tomara que a Petrobrás realize sua meta de tornar-se um dos cinco maiores players do setor. Nesse momento de mudanças climáticas e de novos paradigmas energéticos, o que importa é registrar a convergência entre o petróleo e o etanol.

Embora seu core business seja o petróleo, a Petrobrás decidiu investir US\$ 4,5 bilhões até 2013 em combustíveis renováveis. Nesse plano incluem-se usinas, destilarias, plantas de biodiesel e pesquisas com saídas energéticas alternativas. Embora pouco se divulgue isso, a Petrobrás é hoje a maior financiadora de projetos de pesquisa energética em órgãos nacionais de ciência e tecnologia. Em universidades de norte a sul do País, uma das frentes de investigação é a economia de energia. Uma empresa com tanta vida não poderia ficar fora de uma atividade essencial para o abastecimento energético e a preservação ambiental do Brasil. Num horizonte de escassez de petróleo, a entrada da Petrobrás na produção de etanol mediante parcerias com grupos privados nacionais representa um sinal inequívoco de amadurecimento mercadológico, confiança técnica e consciência ecológica.

Ao abrir-se para os combustíveis renováveis, a empresa toma uma posição estratégica para o futuro. Quanto mais etanol for produzido, maior será a vida útil das suas reservas. Além disso, a Petrobrás sabe que da matéria-prima do etanol se podem fazer diversos derivados, entre eles a gasolina e o diesel. Mesmo que contenham mais petróleo do que a Venezuela, as jazidas do pré-sal são finitas, enquanto o etanol – pura fotossíntese – vai durar o tempo do Sol.

Dentro desse mesmo raciocínio, deve-se entender o pioneiro investimento da BP na Tropical Bioenergia em Goiânia, também, o recente negócio Cosan + Shell, que configura o projeto mais audacioso da história do casamento entre o petróleo e a cana. Parceria em que aparece mais uma vez a visão de futuro de Rubens Ometto Silveira de Mello.



Ele já tinha surpreendido o mercado, poucos anos atrás, ao comprar o setor de distribuição da Esso brasileira. Agora monta com a Shell um negócio do tipo ganha-ganha. A parceria CosanShell mostra um novo caminho para o desenvolvimento dos negócios no ramo de combustíveis. É por aí que veremos o fortalecimento da agroindústria canavieira, que passa por transformações estruturais nunca vistas.

De fato, nos últimos anos o setor sucroenergético tornou-se alvo de investimentos de grandes grupos estrangeiros, que já possuem 25% da capacidade nacional de moagem de cana. Esses grandes operadores de commodities não visam apenas o mercado brasileiro de etanol, que equivale ao da gasolina, mas o internacional, no qual a Petrobrás pode tornar a primeira petrolífera capaz de produzir gasolina mais verde do mundo.

Não lhe falta cacife para isso. Sua experiência com o etanol vem do início do Programa Nacional do Álcool (Proálcool), na segunda metade dos anos 1970. Sem o apoio da Petrobrás, o Proálcool, com certeza, não teria existido. Para surpresa de muita gente, ela aceitou que o etanol substituisse paulatinamente a gasolina.

#### **Entidade do setor de cana diz que não recebeu denúncias – Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2010**

Organização de plantadores afirma que acusações sobre suposta existência de cartel de usinas não refletem realidade

Dirigente diz que, "se há cartel em alguma região, isso tem de ser apurado"; segundo ele, sistema de remuneração já existe há 12 anos

#### **DA REPORTAGEM LOCAL**

A Orplana (Organização de Plantadores de Cana da Região Centro-Sul do Brasil), que representa 30 associações de produtores de cana-de-açúcar nos Estados de SP, MG, GO e MT, informa que não recebeu queixas sobre suposta existência de prática de cartel de usinas, que as denúncias feitas à Folha por plantadores das regiões de Jaú e Araçatuba (SP) são localizadas e não refletem o que ocorre em todo o setor. Em reportagem publicada na terça-feira, agricultores das duas regiões afirmaram que usineiros adotam práticas irregulares na compra da cana (ao exigirem exclusividade de fornecimento), no preço pago pela matéria-prima e na divisão geográfica dos fornecedores.

Ismael Perina, diretor-presidente da Orplana, que reúne 14 mil produtores, afirma que, há 12 anos, o setor adota um sistema para remunerar os plantadores que foi desenvolvido por produtores e usineiros, por meio do Consecana-SP (Conselho dos Produtores de Cana de Açúcar, Açúcar e Álcool do Estado de São Paulo). Esse conselho criou um sistema de pagamento da matéria-prima que considera o volume de açúcar na cana -o chamado ATR (Açúcar Total Recuperável). Desde 2005, para pagar aos plantadores, algumas usinas se baseiam em uma média do teor de açúcar constatado em plantações próprias e do volume de açúcar da cana dos agricultores. "Esse sistema é voluntário. Ninguém é obrigado a adotá-lo", afirma.



*FOLHA - Produtores afirmam que quem fornece para uma usina está impedido de vender para outra. Isso ocorre no setor?*

*ISMAEL PERINA -* Saímos, em 1998, de um regime controlado [pelo governo] para um regime livre. Na transição, há ainda uma série de problemas para obter conquistas. Isso faz parte do livre mercado. O setor, por meio da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) e da Orplana, criou um modelo de apuração de qualidade e de preços médios da cana no Estado de SP. O sistema Consecana vem sendo usado desde 1999 e a cada cinco anos tem passado por adaptação. É um modelo que não agrada a todo mundo porque está vinculado a preços. Quando o preço do açúcar e do álcool é bom, e o preço da cana é bom, o modelo serve. Quando não é, não serve.

*FOLHA - A Orplana recebeu queixas sobre cartel no setor?*

*PERINA -* Não. A queixa que existe é que o preço pago pela cana está baixo porque os preços do etanol e do açúcar estão baixos.

*FOLHA - Uma das reclamações dos agricultores é que, a partir de 2005, as usinas fazem contratos por cinco anos e exigem exclusividade.*

*PERINA -* Quando planto cana, tem de ter alguém para vender. Cabe a mim querer um contrato desse ou não. Como temos cinco anos de condução de uma lavoura, vou tentar fazer um contrato por esse período. É uma garantia para as duas partes ter um contrato desde que seja benfeito e transparente. Se planto e não tenho a quem entregar, o risco é todo meu.

*FOLHA - O que o sr. acha das reclamações feitas por plantadores de Jaú e de Araçatuba?*

*PERINA -* Se tem cartel localizado em alguma região, isso tem de ser apurado. Eu sou produtor na região de Jaboticabal. Se sinto que vendo cana para malandro, não planto mais. Planto outra coisa ou vendo a fazenda.

*FOLHA - Os produtores estão sendo remunerados de forma justa?*

*PERINA -* Não. Porque o mercado de etanol ficou solto, de maneira que deprimiu os preços assustadoramente. O custo da tonelada da cana é de R\$ 53 [para o produtor], e estamos recebendo R\$ 46, em média, por tonelada. Não estamos contentes. Outro problema que enfrentamos foram as chuvas, que impediram muita cana de ser moída. O excesso de chuva também piorou a qualidade da cana [o volume de açúcar é baixo].

*FOLHA - Por que os agricultores reclamam do modelo do Consecana?*

*PERINA -* Reclamação sempre existe. Desde o início do modelo, está prevista a aplicação do ATR relativo [média entre o volume de açúcar da cana no início, meio e fim da safra]. No início da safra a cana tem baixa qualidade [e vale menos]. No meio, tem alta. E, no final, tem baixa de novo. Como o sistema foi desenvolvido a partir da entrega linear, quando isso não ocorre, há um instrumento, que é o ATR relativo, para não prejudicar nem o produtor que entregou cana em épocas ruins nem a usina, que precisa moer a cana em toda a safra.

**Usineiros esperam crédito para formação de estoque de álcool** – Janaina Lage –  
Folha de São Paulo – Dinheiro – 15/04/2010

O diretor-executivo da Unica (União da Indústria de Cana-de Açúcar), Eduardo Leão, disse ontem que os produtores de cana aguardam para os próximos dias o lançamento de uma linha de crédito para o setor. A ideia é viabilizar a formação de estoques e evitar que o preço do álcool fique sujeito a variações bruscas ao longo do ano. Os produtores querem uma taxa inferior a 11,25% ao ano, mas as condições de financiamento ainda não foram definidas. A maior parte dos recursos viria do Banco do Brasil. No ano passado, a linha de crédito disponibilizada foi da ordem de R\$ 5 bilhões, mas não houve procura significativa em razão do custo do financiamento e do lançamento tardio da linha, no meio da safra. Leão participou ontem do encontro empresarial do Bric-Ibas, que reuniu empresários do Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, no Rio. A Unica prevê uma alta do consumo de álcool de 22% no mercado interno e uma queda de 35% nas exportações. A produção de álcool deve crescer 15%. Segundo Leão, os preços do álcool tiveram um "soluço de alta" por conta das chuvas.

**Crise "limpa" energia em 2009, diz governo** – Folha de São Paulo – Ciência –  
29/04/2010

DA SUCURSAL DO RIO

A crise "limpou" a matriz energética brasileira em 2009, que contou com a participação de 47,3% de fontes renováveis como hidroeletricidade, biomassa e etanol. É o maior patamar desde os anos 70, quando o país ainda consumia muita lenha, segundo a estatal EPE (Empresa de Pesquisa Energética). Em 2008, as fontes renováveis representavam 45,9% do total. Em 2000, correspondiam a 41%. Segundo Maurício Tolmasquim, presidente da EPE, a crise reduziu a atividade industrial especialmente em setores exportadores como siderurgia, por exemplo, que usa carvão na geração de energia. Diminuiu ainda o consumo de gás natural em outros ramos industriais.

**ANP aponta que vantagem do álcool já é generalizada no Estado do Rio** –  
Henrique Gomes Batista – O Globo – Economia – 13/04/2010

Ações da estatal caem mais de 2% e derrubam Bolsa de São Paulo

Abastecer o carro com álcool voltou a ser vantagem em todo o Estado do Rio. Com a queda do preço médio do produto em 6,11% entre a última semana de março e a passada, o litro agora custa R\$ 1,812, o que representa menos de 70% do preço da gasolina, que estava em R\$ 2,602, segundo pesquisa realizada pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) em 698 postos do estado. No

período, o preço da gasolina também caiu, porém em menor intensidade: a redução foi de 2,22%.

De acordo com os especialistas, o álcool só compensa economicamente quando seu valor é inferior a 70% do preço da gasolina. Isso porque o etanol tem um rendimento menor que o da gasolina, ou seja, são necessários mais litros do combustível para andar por um mesmo trecho, em comparação à gasolina. Para os proprietários de carros flex, a aferição da vantagem é simples: basta dividir o preço do litro do álcool pelo preço do litro da gasolina. Para ser compensador, o resultado tem que ser inferior a 0,70.

Entre os dias 28 de março e 3 de abril, o preço do álcool estava, em média, a R\$ 1,930.

Como o preço médio da gasolina estava em R\$ 2,669, o preço do etanol representava 72,3% do preço da gasolina — ou seja, na média, não compensava.

Mas uma pesquisa realizada pelo GLOBO em diversos postos da cidade apontava que, em vários deles, o álcool já era vantajoso. Agora, entretanto, a vantagem já está disseminada, já que a relação dos preços estava em 69,45%.

Apesar destes números, a pesquisa ainda é necessária.

Na média de 32 postos de Niterói, por exemplo, o álcool custa R\$ 1,878 e ainda não é vantajoso, já que na cidade a gasolina está a R\$ 2,621. Na cidade do Rio, a vantagem é clara: o álcool na semana passada custava R\$ 1,797 o litro, contra R\$ 2,603 da gasolina.

Esta queda de preço já era esperada, pois agora começa a safra de cana-de-açúcar. Com isso, os preços baixos deverão continuar até outubro. A partir de maio, a queda deverá ser ainda mais forte nos preços da gasolina, já que o percentual de álcool no combustível, atualmente em 20%, voltará a 25%.

O álcool passou a valer a pena também no Mato Grosso do Sul. Agora já são nove estados da nação em que o combustível de cana é compensador, segundo a ANP: além dos dois novatos, estão na lista São Paulo, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Pernambuco e Tocantins.

## **Telhados solares e a indústria fotovoltaica - Roberto Zilles e Ricardo Rüther – Valor Econômico – Opinião – 01/04/2010**

É preciso estimular a indústria fotovoltaica para que não sejamos meros importadores dessa tecnologia no futuro

A conversão fotovoltaica da energia solar por meio de sistemas conectados à rede promove diversos benefícios ao sistema elétrico e ao meio ambiente. A principal vantagem técnica é a possibilidade de se produzir eletricidade nos próprios pontos de consumo, de preferência integrados diretamente nos telhados, fachadas e coberturas das edificações. Um exemplo desse tipo de aplicação é o prédio da administração do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP que tem 50% da sua eletricidade atendida por um sistema fotovoltaico conectado à rede.

No entanto, a despeito das inúmeras vantagens que esses sistemas apresentam, essa tecnologia enfrenta uma barreira econômica, devido ao elevado custo de geração em relação às fontes convencionais. No Brasil, custa entre duas e três vezes mais gerar energia elétrica a partir de sistemas fotovoltaicos conectados à rede que comprá-la das distribuidoras locais. Muitos países têm enfrentado esse problema com mecanismos de incentivo à produção e à aquisição de equipamentos fotovoltaicos, o que tem dado resultado prático, com a queda gradual no custo de geração, desenvolvimento industrial e geração de empregos nos países que adotaram mecanismos de incentivo associado com o desenvolvimento industrial.

A tarifa convencional brasileira tem sofrido constantes reajustes desde a liberalização do setor elétrico. Se essa tendência se confirmar, vislumbra-se, dentro de alguns anos, um momento em que haverá a equiparação entre o custo de geração por meio de sistemas fotovoltaicos e a tarifa aplicada ao consumidor final. E o Brasil pode não estar totalmente preparado para aproveitar essa oportunidade. Tecnicamente, as experiências com sistemas fotovoltaicos permitem assegurar o domínio da tecnologia e a sua melhor configuração de acordo com os mais variados climas. Mas os investimentos são ínfimos, geralmente ligados a projetos de P&D, realizados por universidades, centros de pesquisa e concessionárias, com uma tímida participação da iniciativa privada.

Em 28/11/2008, após alguns encontros e intensa exposição de motivos ao deputado federal Paulo Teixeira e ao secretário de Minas e Energia Márcio Zimmermann, foi instituído pela Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Energético do Ministério de Minas e Energia (MME) o Grupo de Trabalho sobre a Geração Distribuída com Sistemas Fotovoltaicos. Os objetivos desse grupo incluem a realização de estudos sobre políticas de incentivo ao uso dos sistemas solares fotovoltaicos e proposição de mecanismos de financiamento adequados à população. É também um dos objetivos do grupo que esses estudos culminem em um programa de difusão da geração distribuída com sistemas fotovoltaicos residenciais, comerciais, industriais e de prédios públicos, associado a uma estratégia de desenvolvimento industrial.

A partir da aprovação do relatório final do grupo, em 11 de março passado, fica evidenciado pelos estudos que a tecnologia solar fotovoltaica irá atingir viabilidade econômica e será largamente utilizada no futuro, no Brasil e em boa parte do planeta, e que nosso país está em condição privilegiada tanto por seu farto recurso solar, como pela abundância das matérias-primas necessárias na fabricação dessa tecnologia. Para tanto, se faz necessária uma política pública de desenvolvimento efetiva, que requer recursos e tomadas de decisão que envolvem mais de uma área do governo. Existem já em avançado nível de maturação uma série de projetos-piloto como os da Eletrosul Megawatt Solar, Estádios Solares e Aeroportos Solares, que servem ao duplo propósito de acrescentar à experiência técnica acumulada nessa área no país, bem como de chamar a atenção do público para a tecnologia com esses projetos-vitrine. A proposta de um programa de incentivo aos telhados solares fotovoltaicos por meio de uma tarifa-prêmio se mostra a mais apropriada para as condições do Brasil. Ao contrário do que foi mais adequado em países desenvolvidos, para o Brasil, esse programa de incentivo deve ser limitado em período e porte (potência total instalada com auxílio do incentivo), com custo e impacto tarifário

definidos. Esse programa, associado a uma política de desenvolvimento industrial, deve ser grande o suficiente para estimular o mercado fotovoltaico e pequeno o suficiente para não prejudicar a modicidade tarifária.

Na contramão dos esforços e reconhecimento da necessidade de utilização da energia solar fotovoltaica nos telhados brasileiros, associada com o desenvolvimento industrial, aparece o Projeto de Lei 336/2009 que tramita no Senado Federal. Esse projeto propõe a isenção do Imposto de Importação para células solares fotovoltaicas, módulos ou painéis, suas partes e acessórios, classificadas no código 8541.4032 da tabela de incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados, TIPI.

Os módulos fotovoltaicos já gozam do benefício de isenção de ICMS e IPI e atualmente possuem Imposto de Importação de 12%, ademais, os módulos produzidos na China, Estados Unidos, Europa, ao serem importados, tem o abatimento do Imposto do Valor Agregado no país de origem. Portanto, a isenção do Imposto de Importação a módulos fotovoltaicos, proposto pelo PL336/2009, será uma chuva de granizo na proposta de um programa de telhados solares para o Brasil associado com desenvolvimento da indústria fotovoltaica no país. A união de esforços, realizada nos últimos três anos, e as intenções de desenvolvimento industrial no país, revelam que o mais correto é propor a isenção de Imposto de Importação apenas para células fotovoltaicas e de equipamentos para a instalação de fábricas de células e módulos solares fotovoltaicos.

Conceder isenção de importação ao produto finalizado, nas condições atuais, é uma decisão contra o desenvolvimento da indústria fotovoltaica no Brasil. Neste momento em que o trem da história mais uma vez esta passando em nossa porta, precisamos estimular essa indústria no Brasil para que não sejamos, no futuro próximo, mero importadores dessa tecnologia que de qualquer maneira irá desempenhar papel importante em nossa matriz energética no futuro.

**Roberto Zilles é dr. pela Universidad Politécnica de Madrid, professor Associado do Instituto de Eletrotécnica e Energia da Universidade de São Paulo, IEE-USP.(zilles@iee.usp.br)**

**Ricardo Rütther é Ph.D. pela University of Western Autralia e professor da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. (ruther@mbox1.ufsc.br)**

**Fontes renováveis já são 47,3% da matriz energética brasileira – Rafael Rosas – Valor Econômico – Brasil – 29/04/2010**

A crise financeira internacional, a duração do período chuvoso e o contínuo crescimento da demanda por etanol contribuíram para que a participação das fontes renováveis na matriz energética brasileira atingisse 47,3% do total no ano passado, o maior percentual desde os 47,6% de 1992. A expectativa da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) é que o percentual se mantenha em 2010, uma vez que o uso de termelétricas a gás, óleo combustível e diesel continuará baixo e o etanol deverá aumentar gradativamente sua participação na matriz.

O presidente da EPE, Maurício Tolmasquim, ressaltou que a queda da fatia dos combustíveis fósseis foi puxada pela redução de 19,4% na oferta de carvão mineral e derivados, um reflexo direto do impacto da crise financeira sobre o setor de siderurgia. As chuvas abundantes e o consequente nível elevado dos reservatórios das hidrelétricas levaram a uma queda de 17,7% na oferta de gás natural, enquanto a oferta de energia hidráulica e eletricidade subiu 5,2% e os produtos de cana-de-açúcar avançaram 2,8%.

"A despeito da retomada da siderurgia em 2010, a fatia de renováveis na matriz energética não deve ter grande alteração, já que o período de chuvas está bom, além do crescimento da produção de etanol", frisou Tolmasquim, que apresentou os resultados preliminares do Balanço Energético Nacional 2010.

A oferta de energia geral no Brasil caiu 3,4% no ano passado, para 243,9 milhões de toneladas equivalentes de petróleo (TEP), enquanto a oferta de energia renovável caiu apenas 0,6%, para 115,3 milhões de TEP.

Tolmasquim ressaltou ainda que o bom regime de chuvas contribuiu para que a energia hidráulica respondesse por 15,3% da matriz nacional e por 90,6% da geração de eletricidade no país no ano passado. De acordo com o executivo, a expectativa é que nos próximos dez anos as térmicas a óleo combustível gerem 7% da capacidade, enquanto as térmicas a gás produzirão 26% e as usinas a óleo diesel apenas 1%.

Outra característica do consumo de energia no ano passado foi o efeito gerado pelo crescimento da renda, que elevou o consumo elétrico residencial mensal per capita para 43,8 kWh, 4,3% acima dos 42 kWh de 2009.

No segmento automotivo, esse aumento da renda significou o crescimento de 3,6% do consumo combinado de etanol e gasolina em relação ao ano anterior, reflexo direto dos bons resultados das vendas de automóveis no país.

"O avanço aconteceu principalmente no etanol, já que 93% dos carros novos vendidos no país são flex fuel e os consumidores têm preferido abastecer com álcool", disse Tolmasquim.

A EPE chamou a atenção ainda para a manutenção da autossuficiência brasileira no setor de óleo e gás. As exportações de petróleo no ano passado atingiram 525,6 mil barris por dia, 21,3% acima dos 433,1 mil barris diários de 2008 e 40,16% acima dos 375 mil barris diários importados.

Tolmasquim evitou adiantar números, mas destacou que o próximo Plano Decenal mostrará a tendência de que o país se torne um relevante exportador de petróleo e derivados nos próximos anos.

**Shell coloca 'etanol turbinado' no mercado** – Mônica Scaramuzzo – Valor  
Econômico – Empresas – 29/04/2010

A Royal Dutch Shell vai começar a comercializar no Brasil um etanol "turbinado". O combustível aditivado, batizado de etanol V-Power, foi desenvolvido pelo laboratório da companhia na Inglaterra para ser consumido em carros flexfuel do Brasil, afirmou ao **Valor** Emílio Gouvêa, diretor de operações e vendas da Shell.

Esse produto começou a ser pesquisado há dois anos no laboratório da companhia em Thorton e no Instituto Mauá de Tecnologia, em São Paulo. "Levamos carros flexfuel do Brasil para a Inglaterra para fazer os testes. Os automóveis rodaram cerca de 220 mil quilômetros com o novo combustível", afirmou o executivo. Segundo ele, esse combustível tem maior potência, protege o motor e reduz resíduos nas válvulas, bicos e injetores do veículo.

Considerado um combustível renovável, o etanol aditivado não aumenta a emissão de partículas de CO<sub>2</sub>, assegura a Shell, com base em testes realizados com o produto. A companhia diz ter investido R\$ 20,5 milhões no desenvolvimento e lançamento desse etanol.

Assim como a gasolina V-Power, o etanol turbinado deverá ser mais caro. Atualmente, o preço da gasolina aditivada custa, em média, 6% mais que o combustível comum, dependendo da região do país. A mesma política deverá ser adotada para o etanol.

Segundo Gouvêa, a Shell é a primeira companhia do mundo a desenvolver etanol aditivado. "Seu uso é exclusivo para carros no Brasil", afirmou. "Fizemos uma pesquisa com consumidores e 74% responderam que querem um produto diferenciado."

A petrolífera anglo-holandesa tem feito grandes apostas no mercado de etanol. "Acreditamos que em 2013 a participação de vendas do etanol no total de combustível da empresa chegará a 50%." Em 2009, a Shell vendeu 8 bilhões de litros de combustíveis no Brasil, crescimento de 10% sobre 2008. Desse total, 3,2 bilhões de litros foram de gasolina, 2,2 bilhões de etanol e 2,6 bilhões de diesel. "As vendas de etanol cresceram cerca de 8% no mercado neste primeiro trimestre. A Shell registrou 14% de aumento nas suas vendas no período."

Inicialmente, as vendas de etanol aditivado serão focadas nas regiões de São José dos Campos (SP) e Grande São Paulo. A partir de agosto se estenderá para todo o Estado de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Esses três Estados respondem por 70% das vendas de álcool da Shell no país, de acordo com o executivo.

Uma campanha de lançamento será feita no Rio de Janeiro, em maio, com o patrocínio do Racing Festival, nova categoria automobilística apadrinhada pelo piloto de Fórmula 1, Felipe Massa, da Ferrari. Em agosto, a campanha será realizada em São Paulo.



Além dos investimentos em etanol, a companhia também está colocando no mercado nacional um lubrificante 1 aditivado, exclusivo para automóveis flexfuel.

**Gasolina voltará a ter 25% de etanol no domingo** – Valor Econômico – Brasil – 30/04/2010

O percentual de álcool na gasolina brasileira volta a 25% domingo, depois de ser reduzido para 20% para controlar o aumento de preços do etanol. A diminuição, anunciada em janeiro, resultou em oferta adicional de etanol hidratado de 100 milhões de litros por mês, de acordo com o Ministério da Agricultura.

"A redução temporária na mistura teve por objetivo regularizar o abastecimento e amenizar o aumento de preços, causado, em grande parte, pelos problemas climáticos na safra passada", afirmou o secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Manoel Bertone, em nota.

A expectativa do secretário é que este ano a produção seja suficiente para abastecer o mercado interno. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) prevê que 54,6% do total de cana-de-açúcar processado neste ano (362,8 milhões de toneladas) será destinada à produção de etanol.

O número resultará em 28,5 milhões de litros de etanol, sendo 20,14 bilhões de litros são do tipo hidratado e 8,4 bilhões de anidro. "Esperamos que esse volume atenda a demanda por etanol", ressalta Bertone.

Por ser um combustível renovável, o uso de etanol adicionado à gasolina melhora a qualidade do ar, especialmente nos grandes centros urbanos, além de contribuir para a redução da emissão dos gases de efeito estufa em até 90%.

## RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### **Etanol**

**Exportação brasileira de etanol cai 35%** - Eduardo Magossi – Estado de São Paulo – Economia – 02/04/2010

O volume de etanol exportado pelo Brasil em março caiu 34,80% em relação ao exportado em fevereiro. A queda registrada foi de 56,68% se comparada ao montante exportado em março de 2009.

De acordo com dados divulgados ontem pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), as exportações de etanol em março ficaram em 68 milhões de litros ante 104,3 milhões de litros em fevereiro. Em março do ano passado, o total exportado foi de 157 milhões de litros.

A receita obtida com as vendas ficou em US\$ 40,2 milhões em março, queda de 38% em relação a fevereiro e retração de 43,4% ante março de 2009, quando as vendas externas produziram para o País uma receita total de US\$ 71 milhões.

**EUA voltam a atacar etanol brasileiro** – Gustavo Chacra – Estado de São Paulo – Economia – 03/04/2010

Os produtores de etanol dos Estados Unidos, que usam o milho como matéria-prima, lançaram nova ofensiva para tentar barrar a entrada de etanol brasileiro, de cana-de-açúcar. Na semana passada, dois deputados da bancada ruralista, em Washington, apresentaram um projeto de lei para tentar prorrogar por mais cinco anos os subsídios aos plantadores de milho e as tarifas à importação de etanol.

A Associação da Indústria de Cana de Açúcar do Brasil (Unica) considera que essa é a principal batalha do ano para os produtores brasileiros de etanol.

Recentemente, os usineiros brasileiros conseguiram grande vitória nos EUA, como reconhecimento, pela Agência de Proteção Ambiental (EPA), de que o etanol produzido a partir da cana é um biocombustível avançado, que reduz em ao menos 40% a emissão de dióxido de carbono em relação à gasolina. A decisão da EPA abre as portas para o mercado americano – desde que o lobby dos produtores do etanol de milho não consigam manter ou elevar as barreiras hoje vigentes.

Subsídios. A atual legislação prevê dois tipos de benefícios aos produtores americanos. Um deles é o subsídio: para cada galão de gasolina com etanol, os produtores americanos de etanol ganham um crédito de US\$ 0,45 para ser abatido em impostos. Outro benefício é a tarifa de importação, que impõe taxa de US\$ 0,54 por galão sobre o etanol brasileiro. Essa lei vigora até o fim do ano.

A ação bipartidária anunciada na semana passada pelos deputados democrata Earl Pomeroy e republicano John Shimikus visa a defender essa proteção aos produtores de milho americanos.

Um projeto de lei similar e coordenado com a da Câmara deve ser apresentado no Senado nas próximas semanas.

Segundo os dois parlamentares, caso a atual legislação expire, 112 mil empregos podem ser perdidos e a produção de etanol será reduzida em 38%. “Em um momento em que a economia americana enfrenta problemas, não podemos permitir que esses incentivos fiscais expirem, minando o crescimento que temos visto na nossa indústria de etanol”, disse Pomeroy. “A prorrogação dos créditos fiscais ajuda a indústria a contribuir com a segurança da nossa nação”, acrescentou Shimkus.

A proposta foi imediatamente contestada por produtores do Brasil e pela indústria alimentícia dos EUA, que acaba pagando mais pelo milho que não é destinado ao etanol.

Reação. Joel Velasco, representante da Unica em Washington, divulgou comunicado afirmando que “os americanos não se beneficiarão dessa alternativa mais limpa e econômica se o Congresso continuar erguendo barreiras comerciais contra o etanol importado”. “É irônico que o Congresso permita que o petróleo de nações hostis aos EUA entrem no país sem pagar tarifa, enquanto punem a energia limpa do Brasil, um antigo aliado democrático.”

A American Meat Institute, que representa os produtores americanos de carne, também se manifestou. “Infelizmente, essa lei continua a apoiar e a proteger de forma desonesta o etanol do milhono últimos 30 anos à custa do contribuinte americano e do gado e das aves que dependem do milho para alimentação”, disse, em comunicado, o presidente da associação, Patrick Boyle. “Chegou a hora de a indústria do etanol parar de usar o dinheiro dos impostos americanos e a passar a competir por conta própria no livre mercado.”

A Unica tem agido no Congresso americano para defender a posição dos produtores brasileiros. O argumento principal é o de que os incentivos fiscais custam US\$ 6 bilhões aos cofres americanos por ano.

A tarefa será difícil, já que este é um ano eleitoral e produtores de milho influenciam os votos para deputados em muitos Estados. O presidente Barack Obama também sabe que sua virada na disputa presidencial ocorreu graças à sua vitória nas primárias em Iowa, um dos principais Estados produtores de milho.

Os produtores de milho usam até o relatório da EPA para seu lobby. Como a EPA avaliou que o etanol de cana é menos poluente que o de milho, os produtores americanos dizem que esse é mais um motivo para o governo os defender.

**‘Washington Times’ ataca custo do etanol** – Estado de São Paulo – Economia – 09/04/2010

O jornal Washington Times publicou um editorial em que ataca os planos de quem produz etanol nos Estados Unidos e, por tabela, no Brasil. O texto critica o fato de a Agência de Proteção Ambiental (EPA) desejar que os americanos coloquem mais etanol de milho no tanque de combustível nos próximos meses.

“Isso custará bem mais caro do que se imagina”, diz o jornal.

A agência, segundo o Washington Times, deverá aprovar o pedido de um grupo de 52 produtores de etanol para aumentar as atuais exigências de adição de etanol na gasolina de 10% para 15%.

Ainda de acordo com o editorial, a mudança significará mais bilhões em subsídios às companhias que produzem milho e o transformam em etanol. Para os americanos comuns, o resultado será um considerável aumento do preço dos combustíveis e dos alimentos, avalia a publicação.

O jornal explica o motivo da contrariedade sem economizar nas críticas. “Está na hora de acabar com essa desavergonhada benesse das companhias. Em 2007, parlamentares apoiaram o governo Bush que autorizava por meio de um decreto governamental a venda anual de 36 bilhões de galões (um galão = 3,8 litros) de etanol até 2022”.

Para cumprir metas tão ambiciosas, diz o jornal, a EPA não teve outra escolha senão aprovar a mistura de 15% de etanol ao combustível.

Os promotores do projeto afirmam que, obrigando os americanos a usarem combustível renovável, será possível reduzir a dependência do petróleo do Oriente Médio, com a vantagem de um ar mais limpo. Porém, diz o texto, é bem provável que eles queiram colocar as mãos nos US\$ 16 bilhões anuais do incentivo fiscal de US\$ 0,45 o galão que favorecerá a mistura.

Benefícios. Os benefícios não seriam tão grandes. Segundo a EPA, a redução das importações resultaria em benefícios de US\$ 3,7 bilhões com a garantia dos fornecimentos de energia, mediante o gasto de US\$ 18 bilhões de aumento dos custos do combustível até 2022. Os testes ambientais se mostraram inconclusivos, porque certos tipos de poluentes aumentam quando aumenta a proporção de etanol.

Para a publicação americana, “as credenciais ambientais do etanol são ainda mais frágeis, dada a sua ineficiência como combustível”. “Uma maior concentração de etanol reduzirá em geral em 5,3% a milhagem da gasolina nos carros dos EUA.”

Na argumentação do Washington Times, além do custo na bomba, as contas dos reparos subirão porque os motores não são projetados para funcionar com 15% de etanol ficarão mais fracos e sofrerão mais desgaste. Como as garantias dos veículos excluem danos provocados pelo uso de combustíveis não aprovados, o custo adicional do desperdício recairá sobre os motoristas.

O mesmo problema atinge os postos de gasolina. O custo da substituição dos equipamentos tradicionais por outros totalmente novos mais uma vez será repassado ao consumidor.

Não existe justificativa – ambiental ou o que quer que seja – para esse plano intervencionista, diz o Washington Times. Com a economia enfraquecida, os consumidores não têm mais condições de financiar o lobby agrícola. A EPA deveria rejeitar a exigência de 15% de etanol e o Congresso deveria mandar os que procuramos subsídios ao milho para outro lugar, repudiando os subsídios ao etanol.

**Relatório inocente cientista de fraudar dados sobre clima** – Folha de São Paulo –  
Ciência – 15/04/2010

DA REPORTAGEM LOCAL

Os cientistas da Universidade de East Anglia (Reino Unido) envolvidos no ano passado no episódio apelidado de "Climagate" não agiram de má-fé, concluiu um inquérito independente. Entre os inocentados está Phil Jones, diretor da Unidade de Pesquisa Climática da universidade. Ele se afastou do cargo depois que milhares de e-mails roubados do servidor da universidade vieram a público, lançando suspeitas sobre a honestidade da ciência do clima. No mais famoso dos e-mails, Jones diz a um colega que tinha usado um "truque" para "esconder o declínio" das temperaturas. Outros e-mails punham em dúvida a transparência e a qualidade dos registros de temperatura feitos pela universidade, que baseiam modelos de clima usados pela ONU. O inquérito foi liderado por Ron Oxburgh, ex-líder do comitê de Ciência da Câmara dos Lordes, e envolveu especialistas de várias instituições, a pedido da própria universidade. O objetivo era avaliar se os cientistas tinham manipulado dados para ressaltar o peso humano no aquecimento global. Foram examinados 11 trabalhos científicos publicados pelos climatologistas de East Anglia em 20 anos. O relatório diz que, ainda que fossem "um pouco desorganizados", e não compartilhassem dados, os climatologistas não fraudaram estudos. O comitê, porém, não deixou de fazer algumas críticas. Entre elas, a de que o grupo deveria ter se aproximado mais de estatísticos, o que teria aumentado a precisão de suas conclusões sobre tendências climáticas. Em março, outra investigação, do Parlamento britânico, dizia que os cientistas não tinham fraudado pesquisas. Ainda há um terceiro inquérito em andamento.

---

Com agências internacionais

### **Obama destaca incentivo a energias limpas – Estado de São Paulo – Vida – 23/04/2010**

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, destacou ontem, no 40.º aniversário do Dia da Terra, o uso de energia ambientalmente correta para a preservação do planeta. Ele também lembrou dos avanços feitos pelo país nessa área, nas últimas quatro décadas. Mas um novo relatório do governo mostrou que a participação dos produtos e serviços "verdes" na economia dos EUA não passou de 2% em 2007.

O Dia da Terra é celebrado desde 1970, ano em que o senador democrata Gaylord Nelson, representante do Estado de Wisconsin, no norte do país, chamou a atenção para a necessidade de ações a favor do meio ambiente. Hoje, esse chamado em defesa do planeta é celebrado em todo o mundo, mas os resultados práticos dessa preocupação ainda estão por aparecer.

"Devemos continuar trabalhando para tornar realidade o sonho de uma economia baseada nas energias limpas e entregar às nossas crianças um mundo mais

limpo e seguro que aquele que encontramos”, disse Obama em comunicado difundido pela Casa Branca.

O presidente americano também citou progressos no período, como a aprovação de leis que reprimem a contaminação da água, do ar e das paisagens naturais. Também prometeu aprovar uma legislação “exaustiva” sobre energia e ambiente, que “mantenha a salvo o nosso planeta”, citando “um crescimento econômico a longo prazo”.

Participação minúscula. Mas um relatório lançado ontem pelo Departamento de Comércio do país indica que os produtos e serviços ambientalmente corretos tiveram participação de 1% a 2% na economia americana em 2007. Ou seja, passaram de US\$ 371 bilhões a US\$ 516 bilhões. O número de empregos verdes também foi modesto: as vagas ligadas a economia verde teriam ocupado apenas 1,5% do total do setor privado. A projeção é considerada otimista, pois um outro estudo, do Pew Environmental Trust, estima essa participação em apenas 0,5%.

Quase 80% dessas vagas estariam nas áreas de conservação de energia e controle da poluição. Apenas 2% dos empregos verdes estariam no campo das energias renováveis, diz o estudo do governo.

Ainda é cedo para ter uma noção da decisão de Obama de investir cerca de US\$ 90 bilhões dos US\$ 787 bilhões que compuseram o pacote de estímulo à economia no ano passado, pois os censos econômicos nos Estados Unidos são feitos apenas a cada cinco anos.

Nova legislação. Na segunda-feira, os senadores democratas John Kerry e Lindsey Graham e o independente Joe Lieberman pretendem apresentar uma proposta bipartidária para uma legislação centrada em produção de energia limpa e prevenção às mudanças climáticas que inclui a criação de 2 milhões de empregos e a redução de 2 milhões de toneladas de material contaminante na natureza.

Segundo a Agência de Proteção Ambiental dos países, esse é o montante de equipamentos eletrônicos usados, que podem conter substâncias tóxicas como chumbo e mercúrio, jogados fora por ano.

No fim de semana, em Washington, o tema será lembrado em shows gratuitos de artistas como Sting. Também está previsto um discurso de reverendo Jesse Jackson, com a participação do cineasta James Cameron (Avatar) e da escritora Margaret Atwood. / THE GUARDIAN e EFE

## **Obama quer prorrogação de tarifa sobre álcool do Brasil – Andrea Murta – Estado de São Paulo – Dinheiro – 13/04/2010**

Proposta de Orçamento para 2011 prevê taxaçoão do combustível por mais um ano

Medida vem em momento delicado nas relações entre os países, devido a subsídios a produtores de algodão dos EUA, alvo de disputa na OMC

Contrariando sinais dados ao Brasil no início de seu mandato, o presidente dos EUA, Barack Obama, propôs em seu plano de Orçamento para 2011 renovar por mais um ano as tarifas à importação de álcool, assim como os programas de subsídios aos produtores americanos do combustível. O Brasil tenta há anos facilitar a entrada do álcool nacional, de cana-de-açúcar, nos EUA, mas Washington sofre forte pressão de produtores locais de milho -matéria-prima do álcool americano. Obama fez sua carreira política em Illinois, Estado que é o segundo em produção de milho nos EUA (atrás apenas de Iowa). A proposta chega em momento delicado para as relações Brasil-EUA. Os dois países já estão mergulhados em outra contenda comercial, devido aos subsídios americanos ao algodão. O Brasil ameaça retaliar produtos americanos e até propriedade intelectual, caso Washington continue a desafiar determinações da OMC (Organização Mundial do Comércio) contra os subsídios. Na semana passada, Brasília concordou em adiar a retaliação, mas a discussão continua. É nesse clima complicado que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva inicia hoje uma visita de dois dias a Washington. O objetivo da viagem é participar de uma cúpula sobre proliferação nuclear, e não está planejada reunião bilateral com o presidente Obama.

Mas, quando se encontrou com Obama ainda em março de 2009, Lula abordou a situação e obteve aceno positivo. Na ocasião, Obama afirmou "saber que a entrada do álcool brasileiro nos Estados Unidos tem sido fonte de tensão. Isso não mudará de um dia para o outro, mas [...] com o tempo conseguiremos resolver a questão". Os EUA cobram hoje 2,5% sobre o valor comercializado do álcool importado mais uma tarifa de US\$ 0,54 por galão (3,7 litros). Também oferecem incentivos de US\$ 0,45 por galão de álcool para mistura à gasolina e US\$ 0,10 por galão para pequenos produtores.

A taxa atual à importação expira ao final de 2010, assim como os subsídios federais ao álcool misturado à gasolina e aos pequenos produtores. Os custos das renovações dos subsídios até 31 de dezembro de 2011 atingiriam US\$ 3,5 bilhões em um ano e totalizariam quase US\$ 5 bilhões entre 2010 e 2015, de acordo com estimativa da Comissão Mista do Congresso para Tarifas, que analisa receitas e despesas do Orçamento americano. Já o ganho com a renovação da tarifa à importação foi calculado nos documentos da comissão em US\$ 24 milhões durante o ano de 2011.

### Congresso

Antes da proposta de Obama, empresários brasileiros esperavam que os Estados Unidos ao menos baixassem a tarifa para US\$ 0,45 por galão. Mas o Congresso americano já havia acenado com a renovação da taxa atual. Em março, foi apresentado um projeto de lei bipartidário na Câmara dos Representantes para prorrogar tanto as tarifas impostas ao álcool importado do Brasil como os subsídios ao álcool norte-americano. Segundo congressistas, o fim dos programas custaria 112 mil empregos na indústria americana do álcool. Os EUA produzem 12 bilhões de galões de álcool de milho por ano. O Brasil é o segundo maior produtor mundial, com 6 bilhões de galões de álcool de cana-de-açúcar, segundo dados da Unica (União da Indústria de Cana-de-Açúcar).

### **País pode estender taxa sobre álcool** – Folha de São Paulo – Dinheiro – 21/04/2010

Dois senadores dos Estados Unidos apresentaram ontem projeto de lei para estender as tarifas à importação do álcool brasileiro no país até 2015. O texto é similar a outro em tramitação na Câmara dos Representantes (Deputados) e mais abrangente do que o pedido atual do presidente Barack Obama para a extensão -de um ano. O Brasil vem pressionando para tentar facilitar a entrada do álcool nacional, de cana-de-açúcar, nos EUA, mas Washington sofre forte pressão de produtores locais de milho, matéria-prima do álcool americano. O projeto bipartidário dos senadores Chuck Grassley (republicano de Iowa) e Kent Conrad (democrata de Dakota do Norte) prevê extensão até 2015 da tarifa à importação do álcool, hoje em 2,5% mais US\$ 0,54 por galão (3,7 litros), e também de três subsídios aos produtores. A taxa atual à importação expira ao final de 2010.

### **Fundo verde pode bancar energia suja** – Folha de São Paulo – Ciência – 27/04/2010

#### DO "INDEPENDENT"

Os países europeus poderão usar dinheiro de um fundo destinado à redução de emissões de CO<sub>2</sub> para construir usinas a carvão. Os europeus pagam bilhões de euros por ano em "licenças para poluir" -a ideia é derrubar as emissões. O dinheiro, porém, poderá ser usado agora para espalhar termelétricas pelo continente. A situação bizarra surgiu com as concessões feitas para ajudar países como a Polônia a se adaptar à economia de UE, que concordou em permitir que o dinheiro das licenças pudesse ser utilizado no setor energético. A regra, entretanto, foi aprovada como sendo válida para todos os países.

### **Usineiro se queixa de tarifas de etanol à OMC** – Tatiana Farah e Patrícia Duarte – O Globo – Economia – 19/04/2010

#### PRADÓPOLIS, São Paulo, e BRASÍLIA.

Os produtores de etanol aproveitaram a visita ao país do diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC), Pascal Lamy, para reivindicar a redução das tarifas sobre a comercialização do produto nos mercados americano e europeu. Lamy ouviu as queixas dos produtores, representados pela União da Indústria de Cana-de-Açúcar (Unica), mas deixou claro que as negociações dependem do que o Brasil oferecerá em troca para outros países.

Em visita à Usina São Martinho, em Pradópolis (SP), Lamy afirmou que a produção brasileira de etanol é “um bom exemplo do que os países emergentes podem fazer”.



Mas se esquivou de tomar qualquer posição em relação ao pedido do Brasil de transformar o etanol numa commodity ambiental.

No sábado, Lamy encontrou-se com o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, em Brasília.

Ambos defenderam a retomada da Rodada de Doha. Reconheceram, no entanto, que é difícil.

Amorim afirmou que o direito conseguido pelo Brasil de impor sanções de US\$ 829 milhões anuais aos Estados Unidos, por causa da política de subsídios ao algodão, pode estimular o governo Barack Obama a participar da Rodada de Doha.

## **Biodiesel**

**UE apreende 10 mil toneladas de biocombustível** – Jamil Chade - Estado de São Paulo – Economia – 02/04/2010

A Europa apreendeu 10 mil toneladas de biocombustível nos portos de Veneza e Trieste, acusando os exportadores americanos de fraude. Os Estados Unidos sofrem uma taxa de importação que praticamente torna inviável o comércio com a Europa.

A suspeita é de que exportadores americanos estejam usando outros países como forma de driblar as tarifas e garantir a venda para o mercado europeu. Entre os países investigados estão Argentina, Brasil, Indonésia e, principalmente, o Canadá.

Nas sexta-feira, a aduana italiana apreendeu 10 mil toneladas de biocombustível vindo de exportadores canadenses. A suspeita, porém, é de que o combustível tenha origem nos Estados Unidos e o Canadá esteja sendo usado como forma de driblar as imposições europeias.

Ao Estado, o Conselho Europeu de Biodiesel admitiu que os produtores europeus estão investigando não apenas o Canadá, mas também argentinos, brasileiros e até a Indonésia por ajudar a mascarar as importações americanas.

A estratégia seria simples. Produtores americanos enviariam seus produtos a diferentes partes do mundo e, de lá, o biodiesel seguiria para a Europa, com nova origem. Segundo Amandine Lacourt, representante do Conselho Europeu de Biodiesel, a fraude poderia chegar a €100 milhões por ano em tarifas não pagas por americanos usando outros países.

No ano passado, o biodiesel americano foi taxado por dumping no mercado europeu. A alegação de Bruxelas era que o biodiesel americano causava o fechamento de usinas na Europa.

Além disso, os EUA adotariam práticas injustas de comércio.

Concordata. O maior contencioso em torno do comércio de biocombustíveis não ocorre por acaso. Americanos e europeus disputam, em plena crise, um mercado avaliado em US\$ 10 bilhões. Cerca de 20% das usinas de biocombustíveis dos EUA pediram concordata em 2009.

Na Europa, um terço dos planos de investimentos na Espanha, na Itália ou Alemanha está paralisado. Para especialistas, a crise pode explicitar algo que

muitos já sabiam: a indústria do biocombustível nos países ricos não é sustentável sem subsídios bilionários.

Nos EUA, a empresa Renew Energy, no Estado de Wisconsin, pediu concordata. Ela afirmava ser a maior trituradora de milho do mundo. A Cascade Grain, de Oregon, também declarou falência. Em apenas um ano, 9% de todas as plantas de etanol dos EUA fecharam as portas.